

Raquel Santana Santos

UMA INTERFACE FONOLOGIA-SINTAXE: O USO DE "SONS
PREENCHEDORES" DA CATEGORIA FUNCIONAL DOS
DETERMINANTES NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA
LINGUAGEM

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Raquel Santana

Santos

e aprovada pela Comissão Julgadora em

15 / 12 / 95.

Scarpa

PROFA. DRA. ESTER MIRIAN SCARPA

UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Sa59i

Santos, Raquel Santana

Uma interface fonologia-sintaxe: o uso de "sons preenchedores" da categoria funcional dos determinantes no processo de aquisição da linguagem / Raquel Santana Santos. - - Campinas, SP : [s.n.], 1995.

Orientador: Ester Miriam Scarpa

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Fonologia. 2. Sintaxe. 3. Aquisição de linguagem. I. Scarpa, Ester Miriam. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Raquel Santana Santos

**UMA INTERFACE FONOLOGIA-SINTAXE: O USO DE "SONS
PREENCHEDORES" DA CATEGORIA FUNCIONAL DOS DETERMINANTES
NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM**

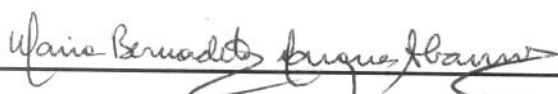
Dissertação apresentada ao Curso
de Lingüística do Instituto de
Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre
em Lingüística.

orientador: Prof. Dr. Ester Miriam
Scarpa

Unicamp
Instituto de Estudos da Linguagem
1995



Prof. Dr. Ester Miriam Scarpa - Orientador



Prof. Dr. Maria Bernadete Marques Abaurre



Prof. Dr. Mary Aizawa Kato

Prof. Dr. Charlotte Chambelland Galves (suplente)

A todos os que, de uma forma ou de outra, contribuíram para este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Há muitas pessoas a quem agradecer, mas há Alguém em especial, pois foi quem colocou todas essas pessoas em meu caminho:

“Obrigada, Senhor, por todas as pessoas que com carinho o Senhor escolheu para estarem comigo durante esses dois anos de trabalho.

Obrigada por Ester Miriam Scarpa, minha orientadora, que sempre soube me incentivar e me cobrar nas horas certas, e que não se importava de perder até mesmo seus fins-de-semana para que pudesse me orientar. Com suas orientações e conselhos, ela foi a “madrinha” deste meu trabalho.

Agradeço também pelas professoras Mary Aizawa Kato e Maria Bernadete Marques Abaurre, que fizeram valiosas sugestões para este trabalho (às quais espero, sinceramente, ter seguido).

Obrigada também, Senhor, pela prof. Charlotte Galves e pelos alunos do Programa de Pós-Graduação; eles que sempre me auxiliaram emprestando-me livros, xerox, indicando-me bibliografias e tirando-me dúvidas (às vezes tão básicas) de sintaxe. Agradeço em especial à Nilmara Soares Sikansi, que por ter passado antes por tudo por que passei, pode me ajudar a enfrentar os momentos de ansiedade, medo e desestímulo acadêmicos.

Não posso esquecer também dos meus amigos e familiares, Senhor. Obrigada pelo incentivo tão especial de meus pais, por suas sugestões quando eu estava com dúvidas sobre o que fazer, e também por seu silêncio, quando as dúvidas tinham que ser respondidas por mim mesma. Agradeço por meus amigos, que souberam entender quando nas viagens eu levava mais livros do que malas, ou mesmo quando eu dizia “não” a seus convites para passeios. Em especial, Senhor, agradeço a disponibilidade da Valéria, minha irmã, e de Laís Helena, as quais eu recorria quando o meu computador não me obedecia, ou meus gráficos não apareciam na tela.

Por fim, só tenho que Te agradecer a todo o apoio que tive dentro da própria universidade: ao Helton, que sempre xerocava os livros quando eu precisava, à oportunidade que tive por trabalhar no Programa de Pós-graduação em Linguística da UNICAMP, e por ter conseguido o apoio financeiro (indispensável) do CNPQ.

Por todas essas bençãos, obrigada, Senhor.”

RESUMO

Este trabalho desenvolve-se na interface fonologia-sintaxe, defendendo que determinados segmentos vocálicos utilizados pelas crianças para garantir o ritmo das sentenças são também preenchedores de categorias funcionais ainda não adquiridas pela criança. De acordo com nossas expectativas, leituras na área confirmaram a existência de análises de outras linguas (inglês, italiano) em que se propõem o uso de “place-holders” para categorias funcionais livres.

Através da análise dos dados foi-nos possível observar que esses segmentos vocálicos (chamados de “filler-sounds” ou “place-holders”, segundo se queira enfatizar sua importância fonológica ou gramatical, respectivamente - conforme Scarpa 1993a), têm um papel fundamental tanto para a prosódia (em especial para a entonação e o ritmo) como para a gramática.

No que diz respeito à prosódia, esses “filler-sounds” têm papel ativo na aquisição dos contornos entonacionais e do ritmo em português. Observou-se que realmente existe um processo de ancoragem na aquisição da linguagem, como defendem Gerken (1994) e Peters & Menn (1993); nossos sujeitos ancoram sua produção fonética para seu trabalho fonológico e sintático em um determinado modelo prosódico e quando essa ancoragem não mais é necessária eles a abandonam. Comprovou-se que o processo de ancoragem dá-se também entre os níveis hierárquicos prosódicos; o trabalho com o nível rítmico só se dá quando nossos sujeitos já dominam o nível hierarquicamente superior (uma hipótese de aquisição “top-down”), podendo inclusive transgredir princípios que regem os níveis inferiores ao que está sendo trabalhado. Na realidade, essa transgressão, se vista sob a ótica maturacional, não existe, pois não se transgride uma lei, um princípio que não se conhece, e como nossos sujeitos ainda não estão lidando com o nível rítmico, podemos dizer que os princípios que o regem ainda não estão em ação, não maturaram. Este trabalho com os diferentes níveis hierárquicos da grade métrica corrobora a visão de Scarpa (1993b) de que não podemos acreditar

numa visão primitiva da prosódia, mas que há um trabalho concomitante entre prosódia e sintaxe.

Quanto à sintaxe, através do levantamento dos ambientes de ocorrência dos segmentos vocálicos, da análise das repetições e do uso desses segmentos, pretendemos ter mostrado que a consciência gramatical vai sendo adquirida aos poucos, não como um todo. Tendo como base a Teoria da Regência e Ligação, assumindo a categoria funcional dos determinantes (aqui entendidos como artigos definidos) como um sistema, concordamos com a análise de Hyams (1994) de que, enquanto todo o sistema não emerge, algumas características são ancoradas pragmaticamente (como a subespecificação, que pragmaticamente é entendida no sistema dos determinantes da criança como o “já conhecido ou familiar”); no entanto, não assumimos a sua visão continuísta da aquisição, segundo a qual outros sistemas (cognitivo, pragmático) interferirão na fixação paramétrica e no funcionamento dos morfemas. Segundo nosso ponto de vista, a categoria funcional dos determinantes está ancorada pragmaticamente porque seu sistema ainda não emergiu, e não porque depende de fatores pragmáticos para emergir. O fato da categoria funcional dos determinantes ser precedida por proto-morfemas mostra a importância do parâmetro do determinante na gramática do português. O levantamento dos contextos de enunciado em que nossos sujeitos inserem “filler-sounds”/“place-holders” mostrou-nos também que, como afirmam Bottari, Cipriani & Chilosi (1992), os proto-morfemas surgem e desaparecem em diferentes momentos, conforme os morfemas que deverão ser adquiridos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - Os segmentos vocálicos e a aquisição da linguagem	8
I - A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E A PROSÓDIA	13
I.1- a metodologia escolhida	15
I.2- ritmo	16
I.3- ritmo e as palavras funcionais	22
I.4- a entonação	24
II - SOBRE A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM SEGUNDO A TEORIA DA GB	27
II.1- as hipóteses gerativistas	29
II.2- as categorias funcionais	34
II.3- o que são determinantes	35
II.4- a aquisição das categorias funcionais	38
II.5- hipótese e dados	46
III - OS SEGMENTOS VOCÁLICOS E A SINTAXE	48
III.1- uma visão quantitativa dos dados	59
- tabelas 1A, 1B, 2	65
- gráficos 1, 2	70
III.2- a incidência de sons preenchedores no foco e não-foco	75
- tabelas 3A, 3B, 4	77
III.3- o uso dos determinantes por nossos sujeitos	81
IV - ANÁLISE PROSÓDICA DOS SEGMENTOS VOCÁLICOS	86
IV.1- o sistema entonacional de nossos sujeitos	102
V - CONCLUSÃO	113
APÊNDICES 1, 2, 3A, 3B, 4	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127

INTRODUÇÃO

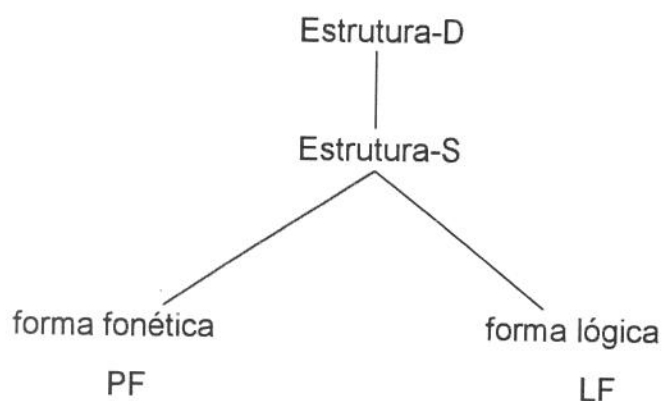
OS SEGMENTOS VOCÁLICOS E A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Dentro da área de Aquisição da Linguagem, o estudo das primeiras verbalizações da criança tem merecido atenção especial por ser uma etapa privilegiada de observação ontogenética e por ter fornecido comprovação empírica de variadas teorias. Diversas análises sobre percepção e produção estão aparecendo a cada dia, principalmente no que diz respeito aos aspectos gramaticais e pragmáticos dessas verbalizações. No entanto, dentro do que chamamos de aspecto gramatical, não é muito grande a bibliografia referente ao estudo da aquisição das categorias funcionais, em especial dos determinantes. As poucas pesquisas a esse respeito em geral se relacionam a uma só área: sintaxe, morfologia, fonologia, não procurando as possíveis conexões que estas podem ter no desenvolvimento das categorias funcionais - em especial dos determinantes - de uma língua.

De acordo com a literatura, durante o processo de aquisição da linguagem é possível encontrar segmentos vocálicos que são inseridos na cadeia de fala da criança (Peters 1977; Bottari, Cipriani & Chilosi 1992; Peters & Menn 1993; Scarpa 1995). De acordo com Scarpa (1995), denominá-los de "filler-sounds" ou place-holders não é uma atitude aleatória, mas que gera comprometimento teórico. Usar a expressão "filler-sounds/ filler-syllables" é comprometer-se com a base fônica, dando atenção a como esses sons seriam produtivos numa matriz prosódica; chamá-los de "place-holders", por outro lado, é vê-los como manifestação de categorias sintáticas.

Ora, é básica para a Teoria da Regência e Ligação a assunção de que a descrição lingüística envolve uma representação fonológica, uma representação sintática e uma forma lógica, relacionadas da seguinte maneira¹:

¹ Segundo Nespor & Vogel (1986), um modelo alternativo foi proposto por van Riemsdijk & Williams (1981), segundo o qual a organização dos diferentes módulos da gramática seria linear, e o componente fonológico viria depois do componente da forma lógica. A adoção do modelo proposto pela Teoria da Regência e Ligação deve-se ao fato de procurarmos ao máximo manter-nos dentro da teoria escolhida.



De acordo com Selkirk (1984), a relação entre a forma fonética e a estrutura-s se faz através da prosódia, e uma das maiores contribuições gerativas (em especial Chomsky & Halle, 1968) foi mostrar que a estrutura sintática determinava propriedades fonológicas, particularmente os modelos de acento. Segundo a autora, se Sound Pattern of English contribuiu para a superação de uma fonologia taxionômica dos segmentos sonoros discretos, a fonologia auto-segmental trouxe a noção de cadeias (níveis) auto-segmentais conectadas, paralelas ao eixo da sequência de sílabas, e a noção de que a representação fonológica destas teria alguma forma de organização hierárquica: a estrutura de constituintes prosódicos (em que as unidades lingüísticas seriam agrupadas em unidades maiores) e a estrutura rítmica (em que as sílabas são alinhadas numa sequência de posições que definem a periodicidade do ritmo).

Poderíamos metaforicamente dizer que a prosódia é o braço estendido da fonologia que toca a estrutura-s:



² Chomsky (1994) propõe apenas dois níveis de representação: PF e LF, de modo que o maneira como a interface se dá deve ser repensado. Uma vez que nosso trabalho baseia-se nos princípios propostos pela GB, estamos considerando ainda os quatro níveis de representação.

Aplicando esta visão para a aquisição da linguagem, o que queremos dizer é que a criança, ao ouvir um contínuo sonoro, infere possíveis constituintes sintáticos recortando dados do input através das saliências como ritmo, acento, contorno entonacional, em suma, elementos da estrutura prosódica. O recorte do input seria feito de modo a encaixar-se no modelo rítmico da criança, a ancorar-se num modelo rítmico, e as crianças fariam ajustes (omissões ou inserções de sílabas) para preencher esse modelo. Segundo Gerken (1994), Wijnen, Krikhaar & Den Os (1994), Peters & Menn (1993) as crianças ancorariam a sua produção sonora num determinado modelo prosódico³, ou seja, trabalhariam com um determinado constituinte - a sintático, fonológico - ancorado em outro - a prosódia:

"Such an approach may be necessitated by a child's limited attentional resources when faced with too much information to process all at once. The strategy is one of divide and conquer, starting with the most accessible information ...As learning proceeds, his ability to cope with this information expands, allowing him to shift to less immediately accessible kinds of information."

(Peters & Menn, 1993:755)

Ao afirmar que a criança ancora sua produção sonora em um modelo prosódico, Scarpa (1995) propõe que a prosódia, por ser delimitativa e configuracional, mostra para as crianças os limites de uma possível gramática. Este recorte que a criança faz do input do adulto através da prosódia, principalmente através da entonação, é que fornecerá o material com que a criança

³ Peters & Menn dizem preferir o termo "toehold" a "bootstrap", pois este implicaria em correlações explícitas entre o que seria mais acessível para o menos acessível, e as autoras afirmam não encontrar essa correspondência entre a informação fonológica e a morfológica. Não é objetivo desse trabalho definir se há ou não um componente (fonológico, sintático ou semântico) mais acessível que outros, e por isso, estaremos usando o termo "ancoragem".

trabalhará a língua, tanto no que diz respeito à gramática como a outras áreas linguísticas, como a fonologia, discurso, interação... O fato de que a prosódia está desde muito cedo disponível para a criança não significa, no entanto, que a hierarquia prosódica e a grade métrica estejam totalmente construídas desde o início e que o desencadear da sintaxe seja imediato e mecânico. De fato, segundo Lightfoot (1989), os dados desencadeadores são um grupo de sentenças produzidas ao acaso em um determinado contexto. Ele nada afirma sobre pistas prosódicas serem esses dados; elas ajudam, sim, a recortar o input, mas não são necessariamente elas que desencadeiam o processo de aquisição de uma determinada categoria.

Scarpa defende que, quando a criança está lidando com algumas informações dentro de um determinado componente (sintático, por exemplo), ela já tem domínio em algum nível prosódico superior e que os domínios prosódicos superiores projetam-se sobre os enunciados, exercendo pressão sobre eles. É possível hipotetizar, por exemplo, que a aquisição do ritmo e da grade métrica é concomitante com a aquisição das categorias funcionais, mas que os domínios superiores da hierarquia prosódica estão já disponíveis para a criança desde muito cedo, sinalizando as delimitações possíveis de uma gramática hierarquizada.

Voltando então à nossa questão inicial, defendemos que os “filler-sounds”/ “place holders”, ou ao menos uma parte deles, são comprometidos tanto com a base fônica (mais precisamente com o ritmo da fala) como com as categorias sintáticas (em especial as categorias funcionais). Estamos também admitindo que, quando estas categorias funcionais forem adquiridas, nosso sujeito já terá um maior domínio dos níveis superiores da hierarquia prosódica, e que, portanto, esta é primitiva às categorias funcionais.

O capítulo I desse trabalho trará uma descrição da teoria prosódica por nós adotada, dentro do conjunto das fonologias não-lineares. A teoria com que trabalharemos é a desenvolvida por Selkirk (1984), com algumas contribuições, quando julgamos pertinente, do trabalho de Nespor & Vogel (1986).

O capítulo II traça um panorama da Teoria de Regência e Ligação e de trabalhos que seguem esta teoria e que se preocupam com a questão das categorias funcionais e de sua aquisição.

No III capítulo faremos uma análise gramatical (quantitativa e de usos) dos dados por nós colhidos de acordo com a teoria explicitada no capítulo anterior, de modo a observar o processo de preenchimento proto-sintático na aquisição da categoria funcional dos determinantes,

O IV capítulo trará uma análise prosódica dos dados, onde procuraremos mostrar que esse mesmo processo de preenchimento também é usado na construção da grade métrica de nossos sujeitos.

Por fim, no V capítulo nós reuniremos as duas análises, sintática e prosódica, de modo a argumentar a favor de uma análise que veja o processo de preenchimento como sendo um único que passa por uma modificação no domínio em que é tratado (inicialmente prosódico e posteriormente sintático).

CAPÍTULO I

A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E A PROSÓDIA

De acordo com Couper-Kuhlen (1986), dentro da tradição estruturalista o contínuo de fala poderia ser segmentável em unidades mínimas - os sons, que em relações sintagmáticas e paradigmáticas formariam o sistema primário de sons de uma língua. Isso não significa que fosse possível segmentar todos os diferentes fenômenos fonológicos de uma língua, mas aqueles que não pudessem passar por essa segmentação eram considerados como *suprasegmentais* - pois se estendiam para além do segmento - e relegados a um plano secundário, uma vez que esses fenômenos eram concebidos como resíduos de sentenças. O uso do termo “prosódico” para designar estes fenômenos não é simplesmente uma modificação terminológica, mas refere-se a pontos de vista diferentes sobre um mesmo assunto. Considerá-los como suprasegmentais é assumir uma visão linear dos fatos fonológicos, uma vez que o que importa é o que pode ser segmentado. Se na fonologia gerativa Chomsky & Halle (1968) se declaram ainda incapazes de trazer maiores contribuições para o estudo de propriedades prosódicas como a altura e a duração dentro da teoria fonológica que adotavam - embora reconhecessem sua importância-; Crystal (1969), levando em conta a materialidade fônica do que ele chama de “parâmetros prosódicos” e inspirado em gramáticas de natureza funcionalista, procura diferenciar os diversos fenômenos conhecidos como não-segmentais:

1. Non-segmental Phonation

1.1 Prosodic Systems

1.1.1 Pitch direction

1.1.2 Pitch range

1.1.3 Pause —————>Vocalisation

1.1.4 Loudness

- 1.1.5 Tempo
- 1.1.6 Rhythmicality
- 1.1.7 Tension
- 1.2 Paralinguistic Systems
 - 1.2.1 Tension
 - 1.2.2 Voice Qualifiers
 - 1.2.3 Voice Qualifications
- 1.3 Non-linguistic Features
 - 1.3.1 Voice-quality
 - 1.3.2 Vocal reflexes

(adaptado de Crystal 1969)

Os elementos ditos prosódicos são aqueles que estão sempre presentes no contínuo da fala. De acordo com Crystal são eles: altura, tessitura, pausa, intensidade, velocidade da fala, cadência e tensão (que também é colocado como elemento paralingüístico). Apesar de não discretos e não lineares, os elementos prosódicos são codificados lingüísticamente, e poderiam ser gramaticalizáveis - que é o que procuramos mostrar. Por serem não discretos e não lineares, foram deixados de lado pela teoria fonológica até SPE (Sound Pattern of English).

Segundo Abaurre & Wetzels (1994), a teoria fonológica passou por diversas modificações desde Chomsky & Halle. Uma série de sub-teorias desenvolveu-se e, conhecidas globalmente como fonologia não-linear, completam-se para definir quais serão as direções a serem seguidas para a descrição e explanação das gramáticas fonológicas.

Dentre as várias sub-teorias interessa-nos a fonologia métrica, que trata do ritmo e do acento; porém, antes de entrar nesses domínios, é necessário ter em mente qual a metodologia por nós adotada e por que foi escolhida.

1.1- A metodologia escolhida

Para nossos estudos estaremos transcrevendo os dados auditivamente, uma vez que o que nos interessa é a produção de fala de uma criança enquanto organizando o sistema rítmico/entonacional de sua língua. De acordo com Cruttenden (1986), há duas metodologias possíveis para o estudo dos traços prosódicos, em especial a altura: uma metodologia de base acústica, instrumental e outra de base auditiva, perceptual.

Os críticos da metodologia auditiva alegam que seus métodos são mais impressionistas que científicos, com as pessoas treinadas para ouvir os modelos de altura procurando aquilo a que foram treinadas e passando o som que ouviram pelo filtro lingüístico de sua própria língua. A abordagem auditiva é mais subjetiva, mas não se pode esquecer que todas as unidades lingüísticas são abstrações em graus diferentes, sendo realidades mais perceptuais que acústicas (Cruttenden, 1986).

As metodologias de base acústica envolvem medidas precisas e verificáveis, sendo consideradas assim mais científicas. No entanto, essas análises só podem ser possíveis para uma pequena quantidade de dados.

A escolha por uma dessas metodologias provoca resultados diferentes em pesquisas, mas ambas são importantes modos de análise dos dados. A metodologia de base acústica, por fornecer contribuições para o entendimento dos sons, e a de base auditiva, por fazer uma "varredura" nos dados para que a metodologia instrumental possa funcionar. Assim, de certa forma, a metodologia de base acústica necessita de um primeiro passo perceptual, que é o que vai formular qual a questão a que essa metodologia acústica tentará responder. Explicando melhor: se temos os dados, para chegar a analisá-los acústicamente, primeiramente tivemos uma questão que surgiu perceptualmente de nosso contato com os dados. É esta questão que nos levará a procurar uma análise, que poderá ser acústica. Como o que nos interessa nesse momento é a organização do sistema prosódico da criança, nossa pesquisa será feita usando uma

metodologia de base auditiva, pois são de importância para nós as relações entre os traços prosódicos e seus sistemas, e não variações de frequência ou amplitude que não afetem essas relações.

Uma vez explicado porque assumimos uma metodologia auditiva, podemos retornar nossa atenção à fonologia métrica.

1.2- O Ritmo

De acordo com Cruttenden, o ritmo é uma forma de combinação de sílabas que pode ser baseada na força, no acento ou na duração e esses traços (força, acento e duração) podem ser combinados; por exemplo, as sílabas mais fracas têm uma duração menor que as mais fortes. Tomando-se ritmo num sentido abrangente, que não só a fala, podemos caracterizá-lo, segundo Couper-Kuhlen, de dois pontos de vista: temporal e atemporal.

A visão temporal do ritmo (não só lingüístico) está baseada nas noções de periodicidade (a recorrência de um evento a intervalos regulares) e isocronia (esses intervalos teriam a mesma duração no tempo). De acordo com esta visão, o ritmo seria inerente e todas as coisas teriam um ritmo; o ritmo estaria no objeto.

A visão atemporal de ritmo nega a inerência deste. Para aqueles que têm este ponto de vista, como Couper-Kuhlen (1986), Massini-Cagliari (1992), o ritmo é algo criado na mente do ouvinte ao perceber impressões sensoriais, e a noção de isocronia é mais perceptual do que realmente uma ocorrência física. Se o ritmo estivesse no objeto não haveria necessidade de ajustes através de princípios (como o de alternância rítmica, como veremos). No entanto, observamos que, durante o processo de aquisição, há todo um trabalho de construção do ritmo, inclusive violando princípios a ele relacionados.

Segundo Selkirk (1984), analogamente à música, o ritmo da linguagem é representado por pulsos ou batidas, que se distinguem em fracas e fortes formando modelos em diferentes níveis métricos, que formam uma hierarquia rítmica. A noção de hierarquia rítmica é a de que determinados

segmentos estão subordinados a constituintes maiores, formando uma grade métrica, que vai de um domínio mais amplo para o mais específico. A grade métrica é um modo, encontrado por Liberman & Prince (1977) para representar o ritmo das sentenças.

Hayes (1991), trabalhando com a grade métrica, está mais preocupado em inventariar os diferentes pés métricos que resultam da combinação dos parâmetros relacionados ao ritmo das línguas. De acordo com o autor, o primeiro parâmetro diz respeito à extensão do pé (binário ou ilimitado, sendo admitida a ocorrência de pés ternários ou degenerados); o segundo parâmetro trata do peso silábico [línguas para as quais o peso silábico é considerado (as sílabas pesadas seriam cabeça do pé) ou não, e da posição da cabeça no pé [à direita (.*) ou à esquerda (*.)]. Da composição desses três parâmetros, resultam quatro possibilidades de pés: troqueus (.) e iambos (*), ambos podendo ou não levar em conta o peso silábico⁴

Os outros parâmetros de que trata Hayes estão relacionados com a combinação e a formação do ritmo das palavras. O primeiro trata da escolha da direção a partir da qual se dará essa construção (da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita). O segundo diz respeito ao fato dos pés serem construídos iterativamente (até que toda palavra tenha sido segmentada) ou não (bastando que haja a constituição de um pé).

No que diz respeito ao acento frasal, o autor procura discutir como a *regra final* (parâmetro segundo o qual deve-se marcar, dentre as sílabas acentuadas, a que está mais à direita ou mais à esquerda) é aplicada no nível frasal. De acordo com o autor, a *regra final* ("end rule") teria por função estabelecer as proeminências relativas entre os membros de uma frase. Além da *regra final*, mais três regras estariam em ação para garantir o princípio de eurtmia : Move X, Destressing e Beat Addition, que poderiam ser comparados, de modo geral, ao "Beat Movement", "Beat Deletion" e "Beat Addition" de Selkirk (1984).

⁴ Essas quatro possibilidades são teóricas, somente três são atestadas, não sendo possível encontrar iambos que não levem em consideração o peso silábico.

Como é possível observar, Hayes está preocupado com a organização de uma grade métrica, com uma marcação que coloque em evidência as relações de proeminência entre as sílabas. Este é um problema para a adoção de sua teoria, uma vez que estamos observando o contorno entonacional dos enunciados e a relação de proeminência das sílabas será usada para complementar essa visão. Outro problema que se coloca é que o autor não leva em conta possíveis interfaces da fonologia com outros módulos na construção da grade métrica. Por fim, um outro fator se coloca, e é o que mais pesa na não-adoção da proposta de Hayes (e de outros autores que adotam a mesma posição, como Halle & Vernaugd, 1987): o autor trata da construção da grade métrica dos níveis mais baixos para os mais altos ["bottom-up" (a *regra final* do nível rítmico, por exemplo, é para que posteriormente possa ser atribuído o acento de palavra e o acento frasal)], enquanto nossos dados (como veremos no decorrer desse trabalho) nos fazem crer que o início da construção da grade métrica durante o período da aquisição se dá de maneira contrária ("top-down"), de modo que os níveis hierárquicos superiores exerçam pressão e direcionem a construção dos níveis hierárquicos inferiores⁵.

Dois trabalhos tratam da construção da grade métrica levando em conta possíveis interfaces, Selkirk (1984) e Nespor & Vogel (1986).

Selkirk, baseando-se no inglês, propõe a existência das seguintes categorias na estrutura rítmica: frase entonacional, frase fonológica, palavra prosódica, pé e sílaba, em que uma categoria de um determinado nível domina as categorias de nível inferior. A frase entonacional corresponde à extensão de uma sentença a que corresponde um contorno entonacional, não sendo necessário haver isomorfia entre a estrutura sintática e o contorno. A importância da frase entonacional para nossos estudos é que ela será o domínio em que os modelos

⁵ A diferença na proposta de Hayes e de Selkirk para a construção da grade métrica (um assumindo que esta construção é bottom-up e a outra aceitando que seja top-down) relaciona-se então com a possível diferença que pode haver entre a aquisição da linguagem (portanto uma grade métrica em construção) e uma gramática já constituída. Se a inversão na construção se dá, cumpre saber como e quando ocorre. Deixaremos, no entanto, essa discussão de lado, por desviar-nos do objetivo desse trabalho.

de proeminência rítmica serão definidos e é nesse nível que marcamos o acento entonacional ou frasal. A frase fonológica é o nível em que são agrupadas uma ou mais palavras pertencentes as categorias lexicais, de modo a notar os grupos formados dentro de uma frase entonacional pelo tempo. O nível da palavra prosódica é usado principalmente para marcar o acento principal de palavra, ou seja, o acento lexical. O nível do pé é aquele onde serão feitas as distinções entre sílabas acentuadas ou não acentuadas. Além do acento lexical, as palavras podem ter outras sílabas acentuadas, conhecidas como de acento secundário (estaremos assumindo neste trabalho a noção de acento secundário como sendo quaisquer outros acentos no terceiro nível da grade métrica, que não seja o acento principal de palavra - cf. Selkirk). No nível do pé encontraremos então todas as sílabas que recebem acento, e é neste nível então que poderemos observar as alternâncias entre as sílabas fortes e fracas que constituirão o modelo rítmico de uma língua. O último nível é o da sílaba, em que todas as sílabas de uma estrutura sintática estarão representadas, acentuadas ou não. As sílabas não acentuadas em outros níveis são chamadas de semi-pulsos (*demibeats*). Os acentos dos níveis devem sempre "remontar", isto é, só são candidatas a sílaba com acento lexical aquelas que foram acentuadas ritmicamente; o acento frasal só recairá sobre uma sílaba acentuada lexicalmente.

A construção dos modelos rítmicos, segundo Selkirk, seria caracterizada por princípios e regras que regeriam a organização da grade métrica. Embora, a princípio, não haja nenhuma restrição entre a construção de modelos rítmicos formados por combinação entre sílabas fortes (**s** ou *****) e fracas (**w**), nota-se uma tendência para o modelo binário (**ws** ou **sw**), algumas vezes ternário (**sww** ou **wws**), e modelos quaternários não são encontrados. A respeito do modelo ternário, não é possível encontrar um modelo rítmico em que se sigam duas sílabas acentuadas (**ssw** ou **wss**), o que sugere que a língua segue um Princípio de Alternância Rítmica (PRA), que determinaria que ao menos uma batida fraca deveria seguir-se a um pulso forte, em todos os níveis

Para Selkirk, a relação entre o texto e a grade é cíclica, e se dá através de um grupo de regras que constrói o alinhamento entre essas duas partes. A construção da grade métrica será formada por dois grandes componentes: um grupo de regras de alinhamento do texto para a grade métrica (TGA) e as regras de eufonia da grade (GE). Através das regras de TGA é que as propriedades particulares de uma representação sintática imporão suas necessidades na realização rítmica da sentença. Essas regras formam quatro classes (regra universal (BA); regras dos pulsos básicos; regras de domínio de proeminência e a regra de proeminência de acento de altura) e são responsáveis pelo preenchimento dos quatro primeiros níveis da grade métrica. A grade métrica composta pelas regras de TGA não necessariamente se aproximarão da grade perfeita proposta pelo PRA. É nesse momento que entram as regras de GE, que irão modificar a grade construída pela TGA de forma a que se aproxime ainda mais da grade perfeita proposta pelo PRA. As regras de GE são: adição de pulsos; movimento de pulsos e apagamento de pulsos. A diferença dessas regras para as TGA é que elas não fazem qualquer referência às representações sintáticas, atendo-se somente à grade métrica, e podem aplicar-se a qualquer nível da grade, ao contrário das TGA, que eram específicas para cada nível. Um outro princípio de ordenação das regras é que elas sempre serão aplicadas do nível mais baixo para o mais alto, uma vez que uma sílaba só poderá ser acentuada num determinado nível se ela também o for no nível anterior.

Um exemplo de grade métrica, sem no entanto especificar quais as regras que estão em questão, é o que apresentamos a seguir:



⁶ Não estamos levando em conta aqui a existência de batidas silenciosas (silent demibeats).

Nespor & Vogel (1986) propõem uma hierarquia prosódica um pouco diferente, composta de sete níveis, tomando como base o italiano. De acordo com as autoras, nem todas as línguas vão fazer uso desses sete níveis, no entanto, elas argumentam em favor de sua hierarquia dizendo que uma teoria que afirme que todas as línguas têm um grupo específico de unidades fonológicas é mais forte do que uma teoria que assevere que algumas línguas têm alguns desses níveis e outras línguas têm outros níveis. Um outro forte argumento apresentado é que esses níveis são definidos no mapeamento das relações entre fonologia e outros componentes da gramática, e que a ausência de um determinado nível seria então afirmar que não haveria, em uma determinada língua, a interface da fonologia com um dado componente gramatical. As autoras propõem os seguintes níveis: enunciado fonológico (sua extensão é a sentença sintática, consistindo de uma ou mais frases entonacionais); frase entonacional (o domínio do contorno entonacional, e que normalmente é delimitado pelas pausas introduzidas numa sentença); frase fonológica (em que estão agrupadas uma ou mais palavras de categoria lexical e que, assim como Selkirk definiu para o inglês como o nível em que ocorreriam pausas no inglês, Nespor & Vogel definem como o nível onde ocorrem algumas regras específicas para o italiano); grupo clítico (é o primeiro nível que representa um mapeamento entre os componentes fonológico e sintático; em linhas gerais, é o grupo que consiste de palavra lexical mais clítico - ou palavras que partilhem de características clíticas, onde são aplicadas algumas regras fonológicas específicas); palavra fonológica (nível em que se dá a interação entre a morfologia e a fonologia, embora não haja necessariamente um isomorfismo entre a palavra fonológica e o constituinte morfológico); pé (nível em que se faz referência aos modelos rítmicos abstratos através da observação da grade métrica) e sílaba (a menor unidade fonológica que serve como domínio para regras fonológicas segmentais).

Fazendo uma correspondência entre as duas hierarquias rítmicas propostas, temos:

<u>Selkirk (1984)</u>	<u>Nespor & Vogel (1986)</u>
intonational phrase IP	phonological utterance U
phonological phrase PhP	intonational phrase I
	phonological phrase Φ
	clitic group C
prosodic word Wd	phonological word ω
foot Ft	foot Σ
syllable Syl	syllable σ

1.3- O Ritmo e as palavras funcionais

De acordo com Selkirk (1984), as palavras funcionais são monossilábicas, com formas fortes (**s**) e fracas (**w**) e caracterizam-se por uma conexão/juntura extremamente fechada com uma palavra adjacente, não admitindo a inserção de uma batida silenciosa (pequena pausa que será considerada ritmicamente como uma *demibeat*) entre elas. Segundo a autora, como as propriedades de acento e juntura são diferentes para palavras funcionais e não funcionais, o alinhamento na grade métrica é diferente para ambos. As palavras funcionais não são tratadas como palavras na grade (não chegam ao terceiro nível, o máximo que recebem de acento é o nível do pé (foot)) devido ao Princípio de Invisibilidade Categorical de Palavras Funcionais (PCI), segundo o qual

"rules making crucial appeal to the syntactic category of the constituent to which they apply are blind to the presence of function words constituents."

(1984: 337)

Apesar das palavras funcionais aparecerem normalmente na forma (w), Selkirk propõe que a forma básica das palavras funcionais é a que recebe acento no segundo nível no início do ciclo frasal, e na maioria dos contextos elas são desacentuadas pela regra de Desacentuação de Monossílabos (MD), que elimina o acento de segundo nível de uma sílaba única, levando em conta a distribuição (sw). A forma (w) é chamada de clítico, significando uma palavra não acentuada e adjacente ao que lhe segue ou precede⁷. Ora, podemos propor que, uma vez que uma palavra funcional se junta à que se segue, nossos sujeitos analisam todo esse conjunto formado como uma só palavra e o acento lexical e o entonacional se misturariam. Este ponto de vista, no entanto, vai contra a visão de que há consciência da diferença entre palavras “reais” e funcionais. O argumento da diferença entre palavras funcionais e “reais” está de acordo com a análise de Bottari et alli sobre os proto-morfemas (uma vez que as crianças teriam consciência sobre as categorias funcionais). Esta nossa aparente contradição em como analisar os “filler-sounds” é mais um argumento a favor de nossa análise de que, inicialmente, eles serviriam como preenchedores rítmicos e posteriormente (de acordo com a hipótese maturacional por nós assumida) eles adquiririam a consciência categorial.

Voltando para Selkirk, ela assevera que as palavras funcionais monossilábicas não têm o terceiro nível de acento, não são seguidas por um semi-pulso silencioso e não são suscetíveis à desacentuação.

A autora vai procurar explicar em que contextos a desacentuação não ocorre e encontramos palavras funcionais monossilábicas (s). Inicialmente, é necessária uma composição interna da rima apropriada ((cv), sendo (v) menos tensa). A regra de desacentuação é definida na representação fonológica e é governada pelas propriedades de juntura da sentença. A presença de alinhamento de batida básica (segundo nível) em palavras funcionais monossilábicas é resultado de Regra de Batida Básica de Sílabas Fortes (HBR). Deve-se ter em mente que a MD é uma regra cíclica, limitada aos domínios

⁷ De acordo com Selkirk, a clitização pode ser devida à reestruturação sintática ou rítmica.

sintáticos da palavra ou mais altos. A desacentuação ocorre num domínio sintático frasal baixo, precedendo o movimento de acentuação (BM) num domínio sintático frasal mais alto. Se assim não fosse, as palavras funcionais poderiam receber acento no terceiro nível. Os bloqueadores de MD são a Condição de Preservação da Proeminência mais Alta (HPPC), o contexto de citação ou foco, o tipo de sílaba, a frequência de ocorrência da palavra, o demibeat silencioso e a possibilidade da palavra funcional ser um constituinte imediato de uma palavra composta.

Especificamente para os determinantes, uma vez que eles não têm a forma CV, são cegos ao HBR, e o PCI previne a Regra de Batida Básica Inicial (IBR) de aplicação. Dessa forma, os determinantes são sempre desacentuados.

O fato de MD se aplicar não significa que a palavra funcional vá ser desacentuada; ela pode ser novamente acentuada pela Adição de Batidas (BA) para garantir o PRA (Princípio de Alternância Rítmica).

Ora, se eu afirmo que inicialmente nossos sujeitos não distinguem palavras funcionais de não funcionais e que o PRA nem sempre funciona (como veremos mais adiante), a regra de MD (para garantir a forma rítmica (**sw**) desse princípio) também não deve estar em ação. O que defendemos é que, inicialmente, Raquel e Tiago estão tratando com um nível hierárquico superior ao ritmo, a saber, o entonacional, e que este pode, em alguns casos, estar sendo confundido com o lexical (terceiro nível), conforme afirma Scarpa (1995 a,b) ao assumir também uma proposta top-down de aquisição da grade métrica.

1.4- A Entonação

Segundo Couper-Kuhlen (1986), várias são as definições de entonação, desde a relação entre altura, acento e pausa; contrastes de altura, manifestações não-lexicais de melodia na fala. Assumindo esta última descrição, a linguísta delimita os níveis de análises possíveis para a entonação: acústico (a entonação como uma sucessão de curvas da frequência fundamental no tempo); fonético

(como uma sucessão de eventos de altura perceptíveis) e fonológico (como uma distinção de eventos de altura relevantes). Para nosso trabalho, vamos analisar as curvas entonacionais num nível fonológico, pois o que nos interessa, assim como nos estudos sobre os demais traços prosódicos, é a relação entre os mesmos.

É necessário ter em mente, quando falamos de entonação, que não estamos nos referindo à frase entonacional proposta na hierarquia rítmica de Selkirk ou Nespor & Vogel, mas sim ao que a primeira define como estrutura entonacional. Para Selkirk há uma relação entre o modelo acentual (estrutura rítmica de uma sentença; o alinhamento das sílabas numa grade métrica) e a estrutura entonacional. Esta envolve o “fraseamento” entonacional; um contorno entonacional é a colocação do acento de altura nas palavras. O “fraseamento” entonacional é a divisão de uma estrutura sintática em frases entonacionais. É na frase entonacional que o contorno entonacional de uma língua será definido. A colocação de acento de altura para as palavras está relacionado ao tamanho das palavras da sentença, uma vez que nem toda palavra terá um acento de altura associado a ela. Cumpre ressaltar que esse acento de altura não é o acento de palavra, mas um acento relacionado a um grupo entonacional, com um contorno entonacional característico; ele coincide com o acento de palavra, mas não são a mesma coisa. De acordo com Cruttenden, um grupo entonacional tem como constituintes básicos o núcleo (uma sílaba com acento de altura que se distingue como a mais proeminente de um grupo entonacional, e que em geral é o último acento de altura do grupo), e um movimento tonal em direção a ou partindo de uma sílaba acentuada. Essa descrição aproxima-se da descrição fonológica oferecida por Couper-kuhlen. De acordo com a linguista, a unidade tonal consiste de um núcleo obrigatório e de um número opcional de constituintes: a pré-cabeça (o anacruse de Cruttenden, usado como delimitador de grupo tonal), a cabeça e a coda. Em geral, a proeminência nuclear é devida à presença de um movimento de altura (o movimento tonal de Cruttenden), que poderá ser em forma de glide ou sandhi.

Conforme Couper-Kuhler, a definição de um grupo entonacional pode ser feita de acordo com três abordagens: fisiológica (em que, segundo Lieberman, os grupos entonacionais seriam vistos como "grupos de respiração", que resultariam da interação dos sistemas respiratórios e laríngeos); fonético-fonológicos (cujos marcadores de limites seriam pequenas pausas, alongamento fonético ou aspiração no fim de um grupo entonacional, e um movimento de altura do tipo step-up ou step-down no limite final); e semântico/gramatical (em que os grupos entonacionais corresponderiam a grupos-de-sentido, isto é, "grupos de palavras que tenham uma unidade gramatical e semântica", mesmo que não necessariamente completas).

Para Selkirk, a colocação da estrutura entonacional em uma estrutura sintática precede a colocação do acento frasal, e este então não tem qualquer influência em determinar onde e como os acentos de altura do contorno entonacional se alinham com as sílabas da sentença sintática. A estrutura entonacional, junto com a estrutura sintática superficial determinam as relações rítmicas. Ao afirmarmos então que a teoria de Selkirk admite a possibilidade de uma construção métrica do tipo "top-down", não estamos com isso dizendo que essa construção começa do nível métrico mais alto e vai descendo os diversos níveis para que a grade seja construída, mas que a construção é determinada pelo nível mais alto, o entonacional, e a partir de então as regras para a formação da grade começam a ser aplicadas, dos níveis mais baixos para os mais altos, de forma a encontrar o nível mais alto - entonacional - que direcionou essa construção. Segundo a própria autora:

"Of course, given our pitch-accent-first theory, once an intonational structure is assigned to a sentence, the NSR, the Compound Rule, and the PAR will give rise to a stress pattern that is "normal" in the sense that it is automatically computed (on the basis of the syntactic structure along with that intonational structure).

(1984:202)

CAPÍTULO II

SOBRE A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM SEGUNDO A TEORIA DA GB

Este trabalho ocorre em acordo com a teoria gerativa, mais precisamente com a noção de Princípios e Parâmetros como proposta pela Teoria da Regência e Ligação (a partir de agora GB - Government and Binding Theory)⁸. De acordo com Chomsky (1987), a aquisição da linguagem é devida a uma faculdade específica da mente. Esta faculdade parece ser única para nossa espécie e comum a todos os membros da mesma. Deste modo, segundo o lingüista, para se resolver o problema da aquisição da linguagem, devemos procurar a resposta no ambiente genético do ser humano.

De acordo com Radford (1990), para Chomsky as línguas partilham de uma série de propriedades comuns, universais. Todas as gramáticas das línguas incluiriam uma série de módulos que seriam inter-relacionados e tratariam de aspectos específicos das propriedades da gramática. Os principais módulos da gramática seriam:

- a) *módulo categorial*, que diz respeito aos princípios que regulam a estrutura de constituintes categoriais das sentenças;
- b) *módulo transformacional*, que diz respeito aos princípios que governam as regras de movimento;
- c) *módulo das "fronteiras"*, que diz respeito aos princípios que determinarão porque certos processos gramaticais são limitados a determinados domínios.

Além desses módulos tenho outros, como o módulo do caso, das relações temáticas, da ligação. A existência desses módulos não significa que todos

⁸ Apesar desta teoria ter sofrido alterações que resultaram num novo programa, o Programa Minimalista, estamos fazendo uso da GB por esta não ter sofrido modificações profundas no que diz respeito à noção de princípios, parâmetros e categorias funcionais com as quais trabalharemos. O Programa Minimalista, embora atural, ainda está em processo de aperfeiçoamento, com muitas modificações sendo feitas.

operem em todas as línguas. Poderíamos nos ver tentados a argumentar que, ao invés de propor módulos inoperantes para determinadas línguas, deveríamos assumir que estas são diferentes, e que partilham menos propriedades do que se supunha. A esse respeito, sustentamos a noção de módulos inoperantes em certas línguas fazendo uma relação entre o que ocorre na sintaxe e o que ocorre na fonologia. Nespor & Vogel (1986), ao tratar da hierarquia de domínios prosódicos, propõem a existência de sete níveis hierárquicos - como vimos no capítulo anterior. As autoras argumentam que, mesmo que nem todas as línguas façam uso desses sete níveis, uma teoria que afirme que todas as línguas têm um grupo específico de línguas fonológicas é mais forte do que uma teoria que assevere que algumas unidades têm alguns desses níveis e outras línguas têm outros níveis. Outro forte argumento apresentado é que esses níveis são definidos no mapeamento entre fonologia e outros componentes da gramática, e que a ausência de um determinado nível seria equivalente a afirmar que não haveria a interface com um dado componente gramatical. Retornando aos nossos módulos sintáticos, assumimos que eles trabalham de forma similar aos níveis fonológicos, de acordo com Nespor & Vogel, ou seja, podem ser inoperantes também.

Além do fato de que há a possibilidade da existência de módulos inoperantes, segundo Radford, Chomsky argumenta que há variação no modo como esses módulos operam de língua para língua. O limite de variação desses módulos é determinado pelos parâmetros de variação. Conforme Chomsky (1991), as línguas são formadas de *princípios* (que são comuns a todas as línguas) e *parâmetros* (que variam entre as línguas e estão relacionados aos princípios). Esses princípios e parâmetros, ou seja, essas propriedades centrais da gramática universal fazem parte da dotação genética da criança. Uma vez que essas propriedades são inatas, a criança não vai aprender uma língua ("aprender" significando ter de descobrir todas as regras de funcionamento de sua língua).

Segundo Radford, os princípios que são invariantes, por fazerem parte da dotação genética da criança, não precisam ser aprendidos; o que as crianças

precisam aprender são as propriedades gramaticais que podem variar de uma língua para outra. A segunda parte dessa afirmação não quer dizer que os parâmetros não sejam inatos, mas que são subespecificados, não têm um valor já fixado, e cabe à criança fazer o trabalho de confrontação com os dados da linguagem que está adquirindo para fazer a escolha do valor dos parâmetros. Isto quer dizer que tanto princípios como parâmetros são inatos; no entanto, os princípios formam uma classe inflexível, que não permite variação. De acordo com Lightfoot (1982,1989), os princípios genotípicos responsáveis pela aquisição da linguagem formam a chamada Gramática Universal (UG - Universal Grammar). Esta contém certas informações independentemente de qualquer experiência com linguagem, de modo que a capacidade lingüística possa emergir quando em exposição a determinadas experiências desencadeadoras. Os parâmetros, por outro lado, são uma classe mais flexível, aberta, cujos valores podem variar de uma língua para outra. Mesmo assim, a quantidade de valores associados aos parâmetros é limitada (normalmente 2: +-); se os parâmetros fossem "regras" que deveriam ser aprendidas a partir das línguas, não haveria restrição quanto à quantidade de valores que poderiam ser relacionados a eles. Tsimpli (1992:2) resume esta questão asseverando a existência de um grupo de princípios pré-determinados que governam propriedades estruturais e gramaticais de todas as línguas do mundo por necessidade biológica; e um grupo finito de parâmetros com um número finito de valores abertos a eles associados, que fazem as línguas variarem.

Antes de examinar a que estão relacionados os parâmetros na gramática, cumpre observar de que modo os princípios e parâmetros passam a tornar-se operantes na linguagem da criança.

II.1- As hipóteses gerativistas

Há duas principais hipóteses de inspiração gerativista quanto à transição entre os estágios pelos quais passam as crianças no processo de

desenvolvimento da linguagem: a *hipótese continuísta* e a *hipótese maturacional*. De acordo com a hipótese continuísta, todos os parâmetros estão disponíveis para serem fixados imediatamente, e se não o são de imediato é porque há dificuldades experienciais em sua determinação. Dentro dessa hipótese, a transição entre os estágios seria determinada pelo reconhecimento, por parte da criança, de dados desencadeadores (triggering data), que estruturariam a gramática da criança⁹, a partir da interação destes com os princípios gerais da Gramática Universal. Pizzuto & Caselli (1992) colocam em questão o fato de que, se os parâmetros operam de uma maneira discreta, categórica, de “tudo ou nada”, então o processo de parametrização não seria gradual; e que os elementos que são descritos como manifestações interdependentes de um mesmo parâmetro deveriam aparecer em um mesmo momento. Hyams (1992) responde as questões de Pizzuto & Caselli afirmando que, na teoria de Princípios e Parâmetros, há uma distinção entre as propriedades da gramática que são desencadeadas pela escolha paramétrica (cujo desenvolvimento é previsto como sendo de modo discreto) e aqueles aspectos da linguagem que residem no léxico (que são adquiridas passo a passo, gradualmente); a autora também afirma que mesmo para elementos que são interdependentes, como no caso da aquisição de afixos flexionais, cada forma dentro da categoria deverá ser adquirida individualmente, como uma forma de aprendizado lexical. Além do mais, dizer que a aquisição da linguagem é determinada pela fixação de parâmetros não exclui a interação com outros domínios cognitivos e/ou lingüísticos, de modo que o desenvolvimento da linguagem se dê de forma modular, porém interativa. Para a autora e outros pesquisadores que adotam a hipótese continuísta, é necessário que a criança desenvolva conhecimento lexical e pragmático, entre outros, ao lado da fixação paramétrica, de modo a “aprender” certas propriedades que são específicas de uma língua.

⁹ No que diz respeito aos parâmetros, mais uma distinção se faz necessária entre as teorias: há as que admitem que os parâmetros inicialmente não teriam nenhum valor, e fixariam um valor frente aos dados desencadeadores; e há teorias que admitem que o parâmetro já teria um valor inicialmente fixado, “default”, e que poderia ser refixado, neste caso reestruturando a gramática da criança.

Segundo Tsimpli (1992), os principais problemas que se colocam para esta hipótese são determinar quais são e como funcionam esses elementos/ dados desencadeadores dos processos de fixação paramétrica. Um outro problema que se coloca, de acordo com Radford (1990) é a hipótese continuísta não explica porque o sistema léxico-temático é adquirido antes do sistema funcional-não temático, conforme o autor atestou em seus dados.

Uma outra hipótese, maturacional, afirma que os parâmetros são programados geneticamente para serem fixados em diferentes estágios de maturação, de maneira gradual (Lightfoot 1982, 1989; Radford 1990), assim como outros fenômenos biológicos. Segundo Lightfoot (1989), os dados desencadeadores do processo maturacional seriam o que provocaria a passagem, a transformação da UG (que conteria todos os princípios, virtualmente operantes, e os parâmetros, ainda não fixados) para a gramática da língua a ser aprendida. Deste ponto de vista, os dados desencadeadores podem modificar o sistema da UG dentro de certos limites, pois este já se encontra estruturado internamente, e por isso a teoria é considerada seletiva, pois os dados selecionarão os valores paramétricos e os princípios para a língua a ser adquirida ¹⁰.

Para Lightfoot, os dados desencadeadores consistem de um grupo de sentenças produzidas ao acaso num determinado contexto; são dados robustos e não incluem dados negativos (isto é, não há informação de que certas expressões não ocorrem) e à sua natureza estaria relacionado o problema da “pobreza de estímulo”. De acordo com o autor, este chamado problema levou à postulação de princípios particulares e parâmetros que explicassem como os dados desencadeadores determinariam todos os aspectos da capacidade lingüística.

A hipótese maturacional divide a opinião dos pesquisadores da área sobre o quê maturaria. Segundo Tsimpli (1992) a maturação está mais relacionada às categorias funcionais que aos princípios da gramática universal. Para Ouhalla (1993) a literatura gerativa via a hipótese maturacional como governando o

¹⁰ Uma teoria instrutiva, ao contrário, seria aquela em que os dados transmitiriam suas características ao sistema, modificando-o, construindo-o.

desenvolvimento da linguagem de modo a introduzir os princípios da gramática universal de forma gradual. Os problemas dessa hipótese seriam explicar por que alguns princípios maturariam antes que outros, e a possibilidade teórica de desenvolvimento de gramáticas “loucas”, não governadas pela gramática universal nos seus estágios iniciais (o que não ocorre; estudos na área mostram que há uniformidade entre línguas e entre indivíduos de uma mesma língua nos diversos estágios). Ouhalla aceita então a proposta de Borer (1984), para quem a maturação afetaria somente as categorias funcionais, às quais a variação paramétrica estaria exclusivamente associada. Assim, podemos supor que se a variação de parâmetros se dá nas categorias funcionais, e elas ainda não foram adquiridas em um determinado estágio, então neste estágio todas as línguas são iguais. Raposo (1993) não trata das hipóteses de aquisição, mas também assume que os parâmetros da gramática universal implicam somente as categorias funcionais, estando relacionados com as propriedades morfológicas dessas categorias. Esta visão da hipótese maturacional baseia-se em dados puramente sintáticos, e ao propor que a parametrização se dá somente em relação às categorias funcionais, acaba por deixar de lado a questão da parametrização em outros domínios da linguagem, como o fonológico. Chomsky (1991), também pensando em termos puramente sintáticos, propõe que as opções paramétricas são restritas a dois tipos de casos: em propriedades do léxico e no local da derivação da estrutura-D para LF em que as estruturas são mapeadas para PF (enquanto os princípios estariam sendo aplicados em operações transformacionais e condições no modo como operam e relações estabelecidas entre as interfaces entre PF/LF com outras faculdades do cérebro). Trabalhos como o de Hayes (1991) procuram fazer um levantamento dos parâmetros envolvidos no ritmo, dando-nos evidências de que a parametrização não ocorre somente na sintaxe.

Neste trabalho estaremos assumindo uma hipótese maturacional da aquisição da linguagem. Radford (1990) faz uma distinção entre a *hipótese maturacional* e a *hipótese teleológica (teoria paramétrica da aquisição)*. Segundo

o autor, a hipótese teleológica é aquela que prediz que os aspectos da linguagem relacionados aos princípios universais (como, por exemplo, o léxico) seriam adquiridos antes, e os aspectos que devem ser parametrizados seriam adquiridos depois -uma vez que as categorias funcionais são parametrizadas, elas seriam adquiridas depois. Essa teoria, no entanto, não dá conta de determinar a ordem de aquisição das categorias gramaticais e por que as categorias lexicais são adquiridas, todas, antes das categorias funcionais. A hipótese maturacional daria conta de explicar essa ordenação da aquisição das categorias. Observe-se que uma hipótese não nega outra, mas a complementa. De acordo com a hipótese maturacional, as categorias funcionais continuariam relacionados aos parâmetros, que são adquiridos mais tarde, apenas acrescenta que o momento em que esses parâmetros passam a “funcionar” é determinado biologicamente. Como observaremos no capítulo III, a aquisição dos elementos funcionais não se dá ao mesmo tempo: os elementos que vêm preenchendo as posições de verbos auxiliares surgem num período posterior dos elementos que preenchem a posição dos determinantes.

Retornando à proposta de Chomsky - segundo Radford (1990) - de que a linguagem é constituída de módulos, se temos diferentes módulos (categorial, transformacional, de ligação), e se os parâmetros se aplicam às categorias funcionais (sub-parte do módulo categorial), então os módulos transformacional e de ligação são sempre iguais entre e intra línguas. Radford não trata dos módulos transformacional e de ligação de modo a responder a nossa questão, mas afirma que enquanto a criança não adquire as categorias funcionais (não as parametriza dentro do módulo categorial) os outros módulos permanecem inoperantes.

Não é pretensão desse trabalho discutir se a variação paramétrica se dá somente em relação às categorias funcionais ou a outras categorias também. Como nosso trabalho concerne apenas às categorias funcionais - mais especificamente aos determinantes -, basta-nos a prova de que estas variam. Para tanto, é necessário ter em mente o que são as categorias funcionais.

II.2- As categorias funcionais

De acordo com Tsimpili, na tipologia tradicional as categorias recaem em duas classes: *aberta* (classe de categorias lexicais, tais como V, N, A) e *fechada* (classe de categorias não-lexicais, funcionais, como os Determinantes (D), Complementizadores (C), Auxiliares (AUX), elementos Flexionais (INFL)...). Segundo Ouhalla (1993), as principais características das categorias funcionais são não marcar papel temático (não tomam argumentos; não s-selecionam, apenas fazem a c-seleção) e ter codificados traços gramaticais, isto é, traços que determinam relações e processos gramaticais, além de determinar os processos de movimento dentro da estrutura sintática de diversas maneiras (ou seja, se retormarmos nossa questão inicial dos módulos da UG, então as categorias funcionais vão influir diretamente no módulo transformacional). Para o autor, as categorias funcionais constituem parte do léxico da UG, um léxico finito e pequeno que faz parte do esquema genético das línguas, que é distinto de dois outros léxicos: o léxico mental, que consiste de conceitos e existe independente da UG, fazendo parte do sistema cognitivo; e o léxico gramatical, que contém as representações lexicais dos dois léxicos anteriores.

Dentro da especificação de determinantes estão os artigos, pronomes e o genitivo do inglês; e sob o nome de INFL estão reunidos elementos como Agr, T, e possivelmente outros como Aspecto, Modo, etc. Ainda é muito discutido se estes elementos devem ou não ser reunidos numa só classe, mas essa discussão foge do objetivo desse trabalho¹¹. Ainda quanto às categorias funcionais, podemos distinguir os elementos morfológicos livres (artigos e pronomes, as categorias C e AUX) e os morfemas gramaticais presos (o genitivo do inglês e a categoria INFL).

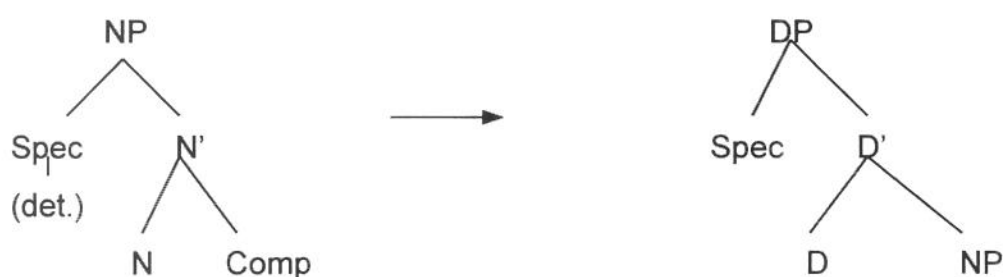
¹¹ Aos interessados, reportamos as discussões iniciais de Radford (1988) e Raposo (1993), assim como às indicações dos mesmos.

11.3- O que são determinantes

Ao procurarmos fazer uma análise da aquisição dos determinantes, devemos ter em mente o que são e qual a sua função na língua.

O problema inicial é definir o que estamos tratando como determinantes. Segundo TSimpli, dentro da categoria dos determinantes, teríamos os artigos, os pronomes e o genitivo do inglês. No entanto, a palavra “determinante” é usada para muitos linguistas como se referindo apenas ao artigo (Hyams 1994, Valois 1991) e é com este sentido que estaremos utilizando a palavra “determinante” em nosso trabalho.

Muitos trabalhos foram feitos dentro da teoria gerativa procurando mostrar que os determinantes, como outras categorias funcionais, não funcionavam como especificadores de uma projeção, mas eram eles próprios projeções:



De acordo com Giorgi & Longobardi (1991), os elementos funcionais como os D não podem co-ocorrer, e conforme o Argumento de Unicidade, somente um elemento pode preencher uma posição pré-nominal.

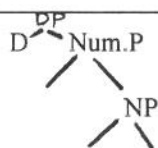
Para Valois (1991), a estrutura do DP aproxima-se muito mais da estrutura do CP do que do IP (embora seja essa a aproximação de Hyams 1994), uma vez que elas só difeririam no tipo de projeções funcionais que conteriam¹².

¹² O autor também defende que entre D e NP haveria categorias funcionais como ‘número’, de modo que a estrutura arbórea ficaria da seguinte maneira:

Não nos interessa, tendo em vista o objetivo de nosso trabalho, fazer um mapeamento de como é vista a estrutura de um DP e por isso não nos aprofundaremos nessa questão. Queremos tão somente ter em mente como esta estrutura tem sido vista dentro da teoria gerativa.

No que diz respeito às funções dos determinantes, muitos têm sido os trabalhos, tanto entre linguístas como entre lógicos, tentando observar qual o papel desses na língua. Karmiloff-Smith (1979), fazendo uma análise funcional dos determinantes, traça um excelente panorama de como são analisados numa língua. Conforme a autora, os determinantes são um fenômeno superficial da linguagem, apesar de serem um traço universal da mesma. Isto significa que há línguas, como por exemplo o russo, em que os determinantes estão ausentes na sua representação fonética, mas as distinções referênciais não estão, sendo realizadas de outras formas na língua. Para a autora, a função do determinante é marcar referência específica ou não-específica, ambas com marcas extra ou intra-lingüística. Segundo Hyams (1994), a função semântica de D é de especificar a relação de seu complemento NP com outros NPs no discurso, explicitando se esse outro NP refere-se à mesma ou à outra entidade.

Negri (1986) faz um levantamento de como os lógicos e os linguístas tratam a questão. De acordo com a autora, a maior parte dos lógicos (Frege, Russell, Reichenbach) analisam os determinantes como um operador de unicidade, uma vez que estão preocupados com problemas de identidade, referência, quantificação. Para Negri, nenhum tratamento lógico é adequado porque deixa de lado o caráter pragmático dos determinantes (por exemplo eliminando suas marcas dêiticas), não dando conta também de sua diversidade de funções (ora, veremos mais adiante que a criança, enquanto não adquire o sistema dos determinantes, ancora seus enunciados pragmaticamente). Conforme a autora, a melhor aproximação para se entender as funções dos determinantes é o que ela



chama de 'abordagens dêíticas'. Segundo este tipo de abordagem, os artigos definidos indicam que um item é específico, identificável; convertem um classificador em identificador e conduzem um elemento que desempenha uma outra função à função nominal. A autora defende que os determinantes (artigos definidos) contrapõem-se à ausência de artigo, e não ao artigo indefinido, uma vez que expressões que ocorrem sem determinante apenas atestam compatibilidade de predicação entre um conceito e uma propriedade, e as expressões com determinantes atualizariam um enunciado lingüístico (instanciariam-no pragmaticamente). De acordo com Negri, os determinantes são utilizados como referenciais individualizantes (exofóricos e endofóricos), anafóricos, atributivos, genéricos e dêíticos. Um problema que se coloca na análise de Negri é que a autora não trata do uso do artigo definido plural.

Kato (1974) também faz uma análise semântica do artigo definido e das propostas de descrição gerativa do mesmo. A autora, comparando o inglês, português e japonês, procura o melhor modelo de representação do conteúdo semântico do artigo definido. No que diz respeito ao artigo definido singular, este é usado quando sabemos extralingüisticamente que o elemento a que nos referimos constitui um conjunto unitário. No que respeita aos artigos definidos plurais, a conclusão a que se chega é que o artigo definido é usado obrigatoriamente sempre que o conjunto a que se refere está sendo definido quantitativamente e não qualitativamente. A união dessas duas afirmações faz com que a autora proponha que:

" O artigo definido tem o valor de um quantificador, cujo escopo são todos os elementos de um conjunto referencial".

(1974:154)

Kato também chama a atenção para a importância da distinção *foco/pressuposição* para o uso do artigo definido. Segundo a autora, *foco* é a informação nova e a *pressuposição* é o que obtemos ao substituir o *foco* por uma

variável. Para os casos em que o conjunto é constituído de um só elemento e é usado o artigo indefinido, a autora propõe que não basta que o conjunto seja unitário, mas que seja referencial tanto para o locutor como para o interlocutor. Assim, o uso do artigo indefinido ocorre quando o conjunto faz parte do *foco* de um enunciado, não tendo referencial para o interlocutor. Se o conjunto fizer parte da *pressuposição*, então este conjunto tem um referente tanto para o locutor quanto para o interlocutor, e será usado o artigo definido.

II.4- A Aquisição das categorias funcionais

No que diz respeito à aquisição da morfologia flexional italiana, Pizzuto & Caselli (1992) resumem os estudos de Hyams (1986) sobre a questão dizendo que esta, ao comparar o sistema flexional do inglês e do italiano, propõe que o primeiro, apesar de parecer mais simples, é mais difícil de ser adquirido pelas crianças. A explicação da autora é que existiria um “parâmetro do radical”, que afirmaria que uma raiz/ radical verbal pode ou não constituir uma palavra bem formada. Para o inglês, cujos verbos podem aparecer como simples radicais, este parâmetro tomaria um valor positivo (+ radical não flexionado), enquanto em italiano o parâmetro tomaria o valor negativo (- radical não flexionado), uma vez que os verbos não aparecem como simples raízes nas sentenças, requerendo os verbos um sufixo que marque combinações de pessoa/número. Dessa forma, o “parâmetro do radical” seria crucial na gramática do italiano (que exige flexão) e apenas periférico na gramática do inglês (em que muitas formas verbais aparecem como simples radicais). Uma vez que este parâmetro pertença à parte nuclear da gramática do italiano¹³ (core grammar) ele será mais facilmente percebido e fixado pelas crianças durante o processo de aquisição das categorias funcionais. Conforme é possível perceber, para Pizzuto & Caselli um parâmetro

¹³ e também para o português .

ser tanto periférico como crucial para uma gramática. Hyams, no entanto, tem outra definição para o que seja a distinção nuclear ou periférico para uma gramática. A autora (1986) define como gramática nuclear aquela que resulta da fixação dos parâmetros da UG, sendo adquirida mais inicialmente; e como periférico os processos que decorrem da “violação” dos princípios e parâmetros da UG, sendo estes de aquisição mais tardia. Haegeman (1991) afirma que estes processos periféricos estão associados a questões sociais, culturais ou mesmo estilísticas da linguagem. O fato de os determinantes existirem em algumas línguas (italiano, português, inglês...) e não em outras (japonês, russo...) faz com que tomemos a posição de que os determinantes, enquanto morfemas livres, sejam um parâmetro dentro de uma língua (que pode preencher as características semânticas do determinante através de outros processos linguísticos). Por serem adquiridos cedo durante o processo de aquisição, através de processos de preenchimento sintático, e não se tratar de questões de estilo em língua portuguesa, nós os consideramos como pertencendo à gramática nuclear da língua portuguesa.

Hyams (1994) defende que na gramática inicial as categorias funcionais seriam subespecificadas. Tanto o sistema INFL quanto o D teriam um comportamento paralelo, pois ambos seriam opcionais devido ao mapeamento de sentenças dentro da representação discursiva por parte de princípios pragmáticos. O traço específico de definitude de D permite determinados efeitos sintáticos que não seriam possíveis sem ele (somente NP indefinido pode ser sujeito pós-verbal de construções existenciais; só os NPs definidos permitem o alçamento na árvore sintática para o alemão).

Estudando o comportamento dos sistemas INFL e D em quatro línguas, a autora chega à conclusão de que há uma marcação pragmática que teria como valor interpretativo default “aqui e agora” para INFL e “interpretação de já conhecido, familiar” para D. Ela resume a questão da subespecificação de D dizendo que para o sistema lingüístico do adulto, o núcleo de DP deve ser definido (D), produzido por um Operador de Determinantes (DO) que selecionará

um NP co-indexado ou contra-indexado, enquanto para o sistema lingüístico da criança, além das opções de co-indexação e contra-indexação, há a opção do D ser não-indexado. Apesar de D ser subespecificado nesta última opção, o NP é interpretado semanticamente.

Isto explicaria porque um nóculo funcional pode ser subespecificado. Esses nóculos subespecificados não podem ser aceitos na gramática do adulto porque contrariam a regra que afirma que, podendo-se usar uma anáfora, deve-se fazê-lo, se isto não for feito, o ouvinte inferirá que se trata de algo diferente (Grodzinsky & Reinhart (1993) apud Hyams 1994).

Hyams, coerentemente com a hipótese continuísta por ela adotada, defende uma diferença pragmática entre o sistema lingüístico do adulto e o da criança, enquanto para Radford (1990) a diferença é sintática, devido à falta das projeções funcionais na gramática inicial. Para Hyams, o sistema dos determinantes está subespecificado porque outros domínios com os quais o domínio lingüístico interage (em nosso caso o responsável pela pragmática) não estariam ainda plenamente desenvolvidos; a autora também não define em seu texto se essa ancoragem no discurso significa que este pode ser entendido como falta de maturação. Concordamos com a autora que, durante a aquisição, as categorias passam por um período de subespecificação, mas não com a hipótese continuísta adotada por ela. De acordo com a hipótese maturacional por nós assumida, podemos afirmar que o uso dos sistemas D e INFL estão apoiados no discurso porque ainda não maturaram, e mesmo essa maturação não ocorreria de uma só vez, mas aos poucos. Segundo Bottari & Cipriani & Chilosi (1992), a experiência primária da criança com a língua é fonética. Acreditamos que a maturação não diz respeito apenas aos parâmetros como um todo, mas a subsistemas que formam esse parâmetro. O que defendemos é que mesmo envolvendo sentido, o início desse processo é fonético (mais precisamente prosódico), mas que o caráter de definitude só é adquirido mais tarde. Nesse ponto, estamos concordes com Bottari et alli e Kato (1995), que defendem que algumas propriedades são adquiridas antes das formas específicas, mais

precisamente que as propriedades estruturais/posicionais são adquiridas antes das formas morfo-fonêmicas específicas dos morfemas funcionais livres. Kato, expandindo as considerações de Stowell sobre as negativas polares, também defende que a criança já tem conhecimento sintático e semântico das categorias funcionais T, C e D, e o que lhes falta são os rótulos, os itens lexicais correspondentes aos traços dessas categorias.

Antes de discutirmos as propriedades dos “place-holders”, cumpre saber como eles têm sido observados na literatura da área. Para Peters (XXXX), os “place-holders” são proto-morfemas que ocupam posições de morfemas específicos na linguagem do adulto. Conforme a autora, os “place-holders” ocupam o lugar de elementos funcionais, não distinguindo-os entre morfemas livres ou presos. O uso dos “place-holders” dever-se-ia tanto à língua quanto ao sujeito aprendiz. Os “place-holders” são geralmente um *schwa* e pode-se dizer que suas características são não trazer acento e não ser semanticamente saliente.

Um estudo mais aprofundado sobre os “place-holders” é o de Bottari, Cipriani & Chilosi (1992). Segundo os autores, os “place-holders” monossilábicos (em geral um segmento vocálico menos tenso) seriam inseridos na fala das crianças como dispositivos proto-sintáticos, formas embrionárias de morfemas livres que indicariam que há um estágio durante o processo de aquisição do D em que haveria um só elemento, considerado subespecificado morfologicamente. Sua proposta é de que:

“the production of these elements testifies to an acquired consciousness of some properties of the underlying structural configurations of linguistic strings...in most cases the vocalic segments are not to be regarded as imperfect renditions of specific morphemes, but that they simply perform the function of signalling the existence of syntactic positions other than those occupied by arguments and predicates”

(1992:83)

Os place-holders monossilábicos não são quaisquer sons, sua produção é restrita a um domínio bem definido de vogais menos tensas e menos arredondadas, algumas vezes com um traço nasal. Isto porque os segmentos vocálicos produzidos nessa fase pela criança podem ser divididos em dois grupos:

- a) extensões fonéticas: que podem ser ambigualmente interpretadas como substituindo qualquer palavra ou cadeia de palavras, são sequências compostas de uma forma fonética junto a uma palavra “convencional” que pode ser um N, um Advérbio ou forma pivô.
- b) proto-morfemas: são distintos das extensões fonéticas porque sempre precedem um determinado item e aparecem num mesmo tipo de sentença; há restrições que governam sua ocorrência (sempre precedem itens lexicais e raramente substituem palavras de conteúdo ou itens de classe aberta).

Bottari et alli propõem então uma regra funcional para os place-holders monossilábicos: eles teriam um papel proto-morfêmico, preenchendo o lugar de diferentes elementos funcionais. Os place-holders apareceriam em contextos diferentes em tempos diferentes, e cessariam da mesma forma, quando o elemento funcional que eles estão substituindo é aprendido (artigo, preposição, clítico, cópula, modal, operador de negação, pronome interrogativo), isto é, o elemento funcional passa a ser usado produtivamente.

Assumindo que o uso dos place-holders monossilábicos é uma estratégia de aproximação de um dado alvo, duas possíveis hipóteses são levantadas para definir qual é esse alvo. A primeira é a *hipótese morfológica*, que assevera que o alvo são morfemas ou cadeias lingüísticas específicas que a criança produz de modo imperfeito. A criança teria competência, mas problemas de performance (pouca experiência em produzir cadeias lingüísticas) não permitiriam a boa produção das palavras alvo. O problema dessa hipótese é que ela presumiria a existência de competência morfo-sintática que não poderia ser testada

independentemente, além de ser esperada uma aproximação muito maior com o alvo fonético.

Uma outra hipótese é a *hipótese de inferência estrutural*, baseada em considerações fonéticas. Os place-holders monossilábicos seriam uma tentativa de reproduzir cadeias fonéticas que a criança já experimentou; seriam uma manifestação de ancoragem (bootstrapping) fonológica dentro da morfologia. A inserção dos place-holders seria dependente, a partir da experiência fonética, da extração de generalizações sobre a organização estrutural de cadeias lingüísticas, o que presumiria habilidade, por parte das crianças, para fazer inferências estruturais a partir da forma fonética. A partir dessa hipótese, os autores asseveram que a produção dos place-holders monossilábicos são uma manifestação de que está havendo uma conscientização sobre a existência de posições estruturais que precisam ser preenchidas e não como tentativa de produzir um morfema específico; e que os place-holders monossilábicos não fazem parte de uma estratégia imitativa de reproduzir sequências. Para sustentar esta afirmação, os autores apresentam os seguintes argumentos:

- a) os place-holders monossilábicos aparecem em diferentes ambientes em diferentes momentos. Tal fato indica um trabalho de seleção não-fonético no processo de ancoragem (bootstrapping) para construir um determinado alvo fonético. Desse modo, encontramos que, inicialmente, a posição pré-nominal é preenchida; depois a posição pré-verbal; após esta os segmentos vocálicos apareceriam frente a infinitivos, ou agindo como pronomes proto-interrogativos.
- b) os segmentos vocálicos aparecem em posições em que nenhum input fonético pode ser identificado, indicando inferências incorretas sobre a configuração estrutural de uma sentença, como por exemplo em frente a adjetivos demonstrativos, frente a verbos intransitivos, forma *c'è* em italiano, verbos transitivos em sentenças que já contêm as estruturas de predicado/ argumento realizadas através de clíticos.

- c) os segmentos vocálicos raramente ocorrem no desenvolvimento de disfásicos, para quem a percepção de certas características fonéticas do input não é suficiente para desencadear a estratégia de inserção dos segmentos vocálicos.

Os autores passam então a discutir qual o papel que os place-holders têm na aquisição do artigo definido, que não parece ser desencadeada por nenhuma condição pragmática ou semântica que caracteriza seu funcionamento na linguagem do adulto. Segundo Bottari et alli, durante o período inicial há uma alta percentagem de omissões com respeito às ocorrências (dos artigos) e substituições (por place-holders); grandes variações na relação entre ocorrências e substituições e quase todas as formas do artigo aparecem, mas nenhuma delas recebe valores percentuais relevantes. Com o passar do tempo as omissões diminuem até parar; as ocorrências e substituições aumentam, excedendo as omissões e as ocorrências excedem as substituições. A conclusão a que chegam é que:

"the monosyllabic place-holders identify the slots to be saturated in the programming of sentence structure...the monosyllabic place-holder, and its positional or identifying function, precedes and is independent from the use and possibly, from consciousness of the existence of specific morphological variants of the category article."

(1992: 97)

e que a criança parece ser sensível a certas propriedades da sentença (ou constituinte) antes de ter competência morfo-fonêmica para produzi-las, de modo que os segmentos vocálicos são antes sintáticos que morfológicos.

Ora, o que é possível observar é que, embora procurando uma relação entre os place-holders e os determinantes, os autores observam este fenômeno do ponto de vista puramente sintático, deixando de lado a questão prosódica.

Quando tratam de questões fonéticas, reduzem o trabalho da criança a fatores puramente imitativos, e seu trabalho de distinção dos place-holders (deixando de lado os segmentos [i] e [u]) baseia-se puramente na forma fonética dos mesmos, nenhuma análise prosódica é feita com os dados.

Outro problema que se coloca é que os autores não parecem ter uma noção clara do que seja prosódia, de modo que, ao analisar a experiência de repetição de um enunciado do adulto pela criança, afirmam que o trabalho de extração se dá por razões da estrutura organizacional da sentença, que não deve ser vista nem como somente fonética ou morfológica. Não é observado pelos autores o fato de que outros fatores, que não sintáticos, podem estar sendo considerados no processo de extração de dados para a repetição. Os autores parecem se aproximar da questão prosódica ao utilizarem-na como argumento para não caracterizar os place-holders como fenômenos de hesitação, porém é tudo o que fazem. Eles afirmam que se os place-holders fossem um fenômeno extra-sintático eles ocorreriam numa distribuição muito maior que a encontrada, inclusive precedendo morfemas livres. Não é esse, no entanto, o resultado de nossas pesquisas e nem dos próprios dados que os autores apresentam. Cipriani et alli não fornecem nenhuma explicação de porque dividem os segmentos vocálicos em proto-morfemas e extensões fonéticas. Os proto-morfemas encaixam-se perfeitamente em sua proposta, mas as extensões fonéticas não, aparecendo frente a formas "pivô", como afirmam os próprios autores. O que os faz distinguir se estão frente as formas pivô antecedidas por extensões fonéticas ou N antecedidos por proto-morfemas? Além desse problema, outro se coloca, o de que há ocorrências de proto-morfemas em posições não canônicas. Como veremos mais adiante, encontramos esses segmentos vocálicos em muitas outras posições argumentais, inclusive que não podem estar indicando posições proto-morfêmicas. Os autores procuram explicar esse fato dizendo tratar-se de inferências incorretas a respeito da configuração estrutural de uma sentença.

Parece-nos que o grande problema de Bottari, Cipriani & Chilosi está em querer resumir a questão numa análise puramente sintática, sem observar

possíveis relações com outros módulos lingüísticos. Concordamos com Bottari et alli que esse fenômeno é sintático, mas também o vemos como um fenômeno prosódico, o que explica inclusive os problemas encontramos pelos próprios autores em sua análise. Concordamos também que os place-holders surgem e desaparecem em momentos distintos e em lugares distintos, mas não somente quando são adquiridos os termos gramaticais que estão sendo substituídos pelos place-holders. Parece-nos que este recurso ocorre tanto para a sintaxe (preenchimento dos artigos, dos pronomes) como para a prosódia (o contorno entonacional, o ritmo), em momentos diferentes, conforme o trabalho que esteja sendo realizado pela criança. Os autores também não generalizam este comportamento dos place-holders para a categoria funcional dos morfemas gramaticais livres (embora deixem em aberto esta questão), o que, embora não seja do escopo de nosso trabalho, é possível ser observado através dos dados.

II.5- Hipótese e Dados

A partir dos estudos de Hyams, Bottari et alli, pretendemos observar, à luz da teoria gerativa (na versão da GB e de Princípios e Parâmetros) e da fonologia não-linear (principalmente a sub-teoria do ritmo), como surge a categoria D, dentre os morfemas gramaticais livres. Pretendemos defender que um mesmo fenômeno - ou mais especificamente parte dele - a saber, a inserção de segmentos vocálicos na cadeia de fala de uma criança adquirindo linguagem, está comprometido tanto com a aquisição da sintaxe como da prosódia de uma língua. Para tanto serão observados os dados de Tiago e Raquel, ambos sujeitos do Projeto de Aquisição da Linguagem da Unicamp. Os dados de Tiago recobrem a faixa etária de (1;8) a (3;0), constituindo-se de 54 sessões. As sessões até (2;2) foram transcritas foneticamente pela prof. Dra. Ester Scarpa; as sessões de (2;2) a (3;0) foram por mim transcritas foneticamente e posteriormente codificadas

segundo o formato CHAT, que incluiu a linha fonológica¹⁴. Os dados de Raquel recobrem a faixa etária de (1;5) a (2;0), num total de 27 sessões que foram também transcritas pela prof. Dra. Ester Scarpa e que estão sendo codificadas para o formato CHAT (duas sessões têm problemas na identificação da data de nosso sujeito: (1;7) e (1;8); como temos (1;7.8), (1;7.10), (1;7.21) e (1;8.0) a sessão parece ser (1;7. *entre 0 e 7*); no que diz respeito a (1;8), como temos (1;8.0) e (1;8.25), a sessão em questão parece ocorrer entre essas duas). O período utilizado para as análises de Raquel é menor e mais inicial que o de Tiago, o que chama a atenção para as diferenças no processo de aquisição do português por ambos os sujeitos. Raquel, além de passar pelo processo dos “filler-sounds” mais cedo que Tiago, é muito mais rápida na transição entre os place-holders e a categoria dos determinantes.

¹⁴ CHAT (Codes for the Human Analysis of Transcripts) é um sistema de transcrição e codificação para o sistema CHILDES (Child Language Data Exchange System), desenvolvido por Slobin, Levelt, Ervin-Tripp & MacWhinney em 1981. Para maiores informações a respeito, MacWhinney (1991).

CAPÍTULO III

OS SEGMENTOS VOCÁLICOS E A SINTAXE

O primeiro fato observado foi a dificuldade em classificar os segmentos vocálicos de Tiago e Raquel em extensões vocálicas ou proto-morfemas. De acordo com Bottari et alli, os “place-holders” monossilábicos são vogais menos tensas e menos arredondadas. Ora, concordamos com o fato das vogais serem todas menos tensas; ao observarmos os dados notamos que estas inserções se dão numa posição pré-tônica fraca. No entanto, se levarmos em conta a restrição das vogais terem de ser menos arredondadas, dados como (1),(2),(3),(4),(5),(8), (16),(25),(42),(59) e (66) não seriam considerados como proto-morfemas, apesar de sempre precederem itens lexicais:

Dados de Tiago

*MAE: Olha esse é o Cara de Pau

1) *TIA: u' pa:ω

*MAE: Cara de Pau.

*MAE: Não, esse é o Pupi, esse é o Cara de Pau, Cristóvão, Tigrão.

*TIA: mã'je

2) *TIA: u'pu:

*MAE: Tigrão. Esse é o Pupi. Ó o Pupi

*TIA: ma'je

3) *TIA: u'bupi

*MAE: Esse é o Pupi. Ó o Pupi.

(1;11.02)

*MAE: É. Cê tá arrumando as bolinhas no ônibus, Tiago?

4) *TIA: o'ou ω

(2;00.26)

5) *TIA: u'onmo

*MAE: Heim?

6) *TIA: 'onmo

*MAE: O ônibus na rua, né?

(2;01.17)

*MAE: Tá cheio de patinho

7) *TIA: ā'εsa'pato

*MAE: Patinho tá na água?

*MAE: O gato tá em cima?

8) *TIA: o'gato

9) *TIA: 'sima

10)*TIA: a'kaōa

11)*TIA: 'ina

*MAE: A casa. A casa inha. A casinha? Deixa eu ver a casinha

12)*TIA: ka'balω

13)*TIA: 'ānω

*MAE: eihn?

14)*TIA: ka'balω

15)*TIA: ānω

*MAE: cavalo (es)tá andando.

(2;01.24)

*MAE: o livro. Vamos ler o livro?

16)*TIA: a?le u'li

- *MAE: E que que esse aqui tá fazendo?
- 17)*TIA: a mi'nina
- *MAE: O que que ela tá fazendo?
- 18)*TIA: a?mi'nina
- *MAE: Que que a menina tá fazendo?
- *MAE: E o que que tem aí nesse carro? Tem muita gente
- 19)*TIA: a'ʒētʃi
- *MAE: Tá cheio de gente
- *MAE: Não, ela não tá no barco. Tá no bibi?
- 20)*TIA: naω a ũ ta bi'bi
- *MAE: Não tá no bibi.
- (2;02.28)
- *MAE: O siri? Procura o siri. Achou.
- 21)*TIA: ə si'ri
- *MAE: Fala senão quebra
- 22)*TIA: i'kɛbra
- 23)*TIA: a bee'nisi
- 24)*TIA: 'ēdω
- *MAE: Tá lendo a Berenice?
- (2;03.04)
- 25)*TIA: a ωkaxω pa'sa
- *TIA: 'viω
- *MAE: Será que dá pra passar, Tiago?
- 26)*TIA: a ba pa'sa

*MAE: Acho que não dá
 27)*TIA: mae a pa'sa mãe
 (2;04.18)

*MAE: Tem mais roda?
 28)*TIA: a?ta'ki
 *MAE: Onde é que foi a roda? Cadê?
 29)*TIA: ali a taki a 'oda
 (2;04.26)

*MAE: E o outro bonequinho?
 30)*TIA: a ta'ki
 *MAE: E a perua? Cadê a luz da perua?
 31)*TIA: a ta'ki

*MAE: Não anda? Como não anda? Anda sim, até passa por cima
 32)*TIA: a pasa do'mi
 *TIA: mae
 *MAE: Vai. O outro também vai passar?
 33)*TIA: o a'na
 *TIA: mae

*MAE: Onde é que tá o carro?
 34)*TIA: a ta'ki
 *MAE: Tá aqui, onde?
 (2;05.09)

Dados de Raquel

35)*RAQ: a'bua
 *MAE: a bola. Você quer mais bola?

36)*RAQ: 'bolə

37)*RAQ: a 'bo:la

38)*RAQ: a ne'ne:

*MAE: é gatinho. Parece nenê.

39)*RAQ: a 'po

40)*RAQ: ə'bo:la:

*MAE: Vamos por?

(1;05.10)

41)*RAQ: a 'pə:

*MAE: Põe aonde? Põe o quê?

42)*RAQ: ati u po'po

*MAE: cadê a Lela?

43)*RAQ: adi i li'lɛla:

*MAE: cadê a Lela?

*MAE: (es)tá com cocô? Dá.

44)*RAQ: a ko'ko:

(1;05.18)

45)*RAQ: a te'lo:

*MAE: Tirou? Tirou a capa.

(1;06.06)

46)*RAQ: a pate'a:
 *MAE: o outro pra tirar?

47)*RAQ: a fə'so:
 *MAE: fechou, né?

(1;06.22)

*MAE: achou a bola em cima da cômoda, viu?
 48)*RAQ: a 'basu
 49)*RAQ: a ta:'basu
 *MAE: (es)tá embaixo, agora.

(1;06.29)

*MAE: guarda.
 50)*RAQ: a: ki'yu:
 *MAE: caiu mesmo.
 51)*RAQ: a kə'yu:
 52)*RAQ: i ka'i
 *MAE: caiu.

(1;07)

53)*RAQ: ə sa's ɿ ña
 *MAE: sozinha?
 54)*RAQ: əsa'sɿña

*MAE: Que que é isso? A chave! Onde é que (vo)cê achou essa chave?
 55)*RAQ: a poy po 'ka:tu

*MAE: No quarto? É pra abrir o quarto.

(1;07.13)

56)*RAQ: ba'ĩ ña

57)*RAQ: a ba'ĩ ña

*MAE: balinha.

(1;08.25)

58)*RAQ: a balalẽ'ziñu:

*MAE: o cavalinho?

*MAE: Onde (vo)cê vai indo?

59)*RAQ: o votu'za

*MAE: (vo)cê volta já?

60)*RAQ: a ota mu'ni: nu

*MAE: outro menino aí.

(1;09.08)

61)*RAQ: papei'zĩñu

*MAE: chapeuzinho.

62)*RAQ: baʎuʎ 'zĩyu

*MAE: barulhozinho, não é?

63)*RAQ: a bo'ĩ:ña

64)*RAQ: a 'bola:

65)*RAQ: 'zĩña:

*MAE: a bolazinha?

(1;09.09)

66)*RAQ: tila ã sa'patu

*MAE: tiro.

67)*RAQ: ade a pikini'nĩña

*MAE: o quê? A calça?

(1;11.03)

Desviando nossa atenção dos D e antecipando um pouco o capítulo seguinte, outra observação possível a partir dos dados é que, se os proto-morfemas estão preenchendo os espaços que mais tarde serão ocupados pelas categorias funcionais, era então de se esperar encontrá-los também no final dos verbos e nomes, onde se inserem, respectivamente, os elementos da categoria INFL e os morfemas de diminutivo. A categoria flexional do português, ao contrário do inglês, é muito rica e produtiva. A criança está freqüentemente exposta a inputs com formas do gerúndio (-ndo), infinitivo¹⁵, e as formas do presente e particípio, a que a criança está também freqüentemente exposta, modificam-se conforme pessoa e número, ao contrário do inglês. No corpus predominam a forma presente, em geral na terceira pessoa do singular, podendo também ocorrer a terceira pessoa do plural, não variando a categoria AGR dentro de INFL. No entanto, é possível encontrar as formas do gerúndio, infinitivo, e particípio (categoria T). O próprio Tiago mostra conhecer essas formas, ao fazer uso - e até com uma relativa frequência - delas ((13),(15),(24)). A pergunta que nos surge então é por que não foi possível encontrar proto-morfemas nas posições das categorias INFL? Novamente, a resposta parece estar não na sintaxe, mas na fonologia. Segundo Abaurre & Wetzels (1994), Galves & Abaurre

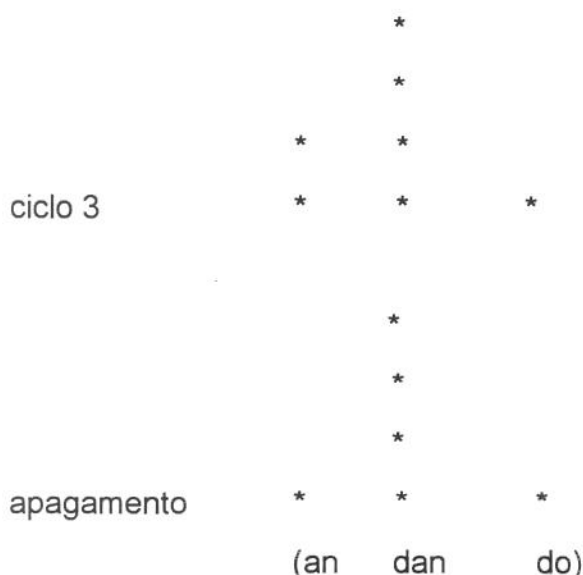
¹⁵ A criança tem acesso ao infinitivo não enquanto com realização do morfema [-r], mas devido à acentuação. Enquanto nas formas do presente a penúltima sílaba é acentuada, no infinitivo é acentuada a última sílaba (que recebe acento lexical por ser pesada, ter mora ramificada. Na realização fonética, o [-r] é suprimido, mas o acento permanece, fazendo a distinção entre o presente e o infinitivo.

(1995), as palavras em português são normalmente paroxítonas com pés métricos trocaicos, isto é, proeminência à esquerda e acento lexical à direita.

De acordo com Selkirk (1986), as regras de acentuação de palavra são cíclicas, e ocorrem dentro do domínio do radical mais afixo não-neutro. Segundo a linguísta, há dois tipos de afixos com respeito ao acento principal de palavra (MSR): neutros (ligados a palavras) e não neutros (ligados aos radicais); a diferença entre os afixos se reflete em suas propriedades fonológicas. A acentuação de palavra é influenciada pela constituição silábica (sílabas leves ou pesadas), a posição silábica e a extrametricidade, e deve-se levar em conta que a regra de acentuação de palavra não simplesmente introduz uma batida no terceiro nível da grade (nível da palavra prosódica), mas possibilita introduzir uma batida num nível hierárquico mais alto, já que o acento principal de palavra deve ser mais proeminente que a batida de terceiro nível que é introduzida pela regra de adição de batidas (BA)¹⁶. Uma vez que, em português, o acento sempre ocorre na última sílaba do radical, a atribuição de acento à palavra **andando** fica assim:

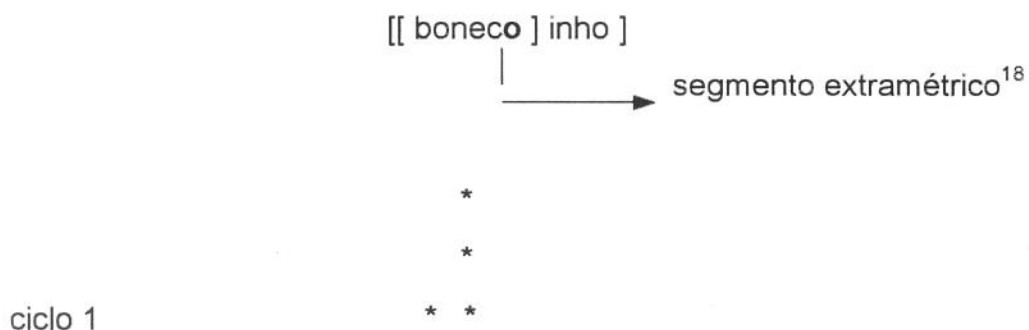
	<i>radical</i>		
	[raiz vog. tem. afixo]		
	[[[and] a] ndo]		
		*	
	*	*	
ciclo 1	*	*	
		*	
	*	*	
ciclo 2	*	*	*

¹⁶ Como não é objetivo desse trabalho analisar o acento principal de palavra, aos interessados remetemos a Selkirk (1984), onde há uma pormenorizada explicação das regras envolvidas em cada ciclo e a Massini-Cagliari (1995) e Lee (1995), que discutem a atribuição de acento lexical em português brasileiro.



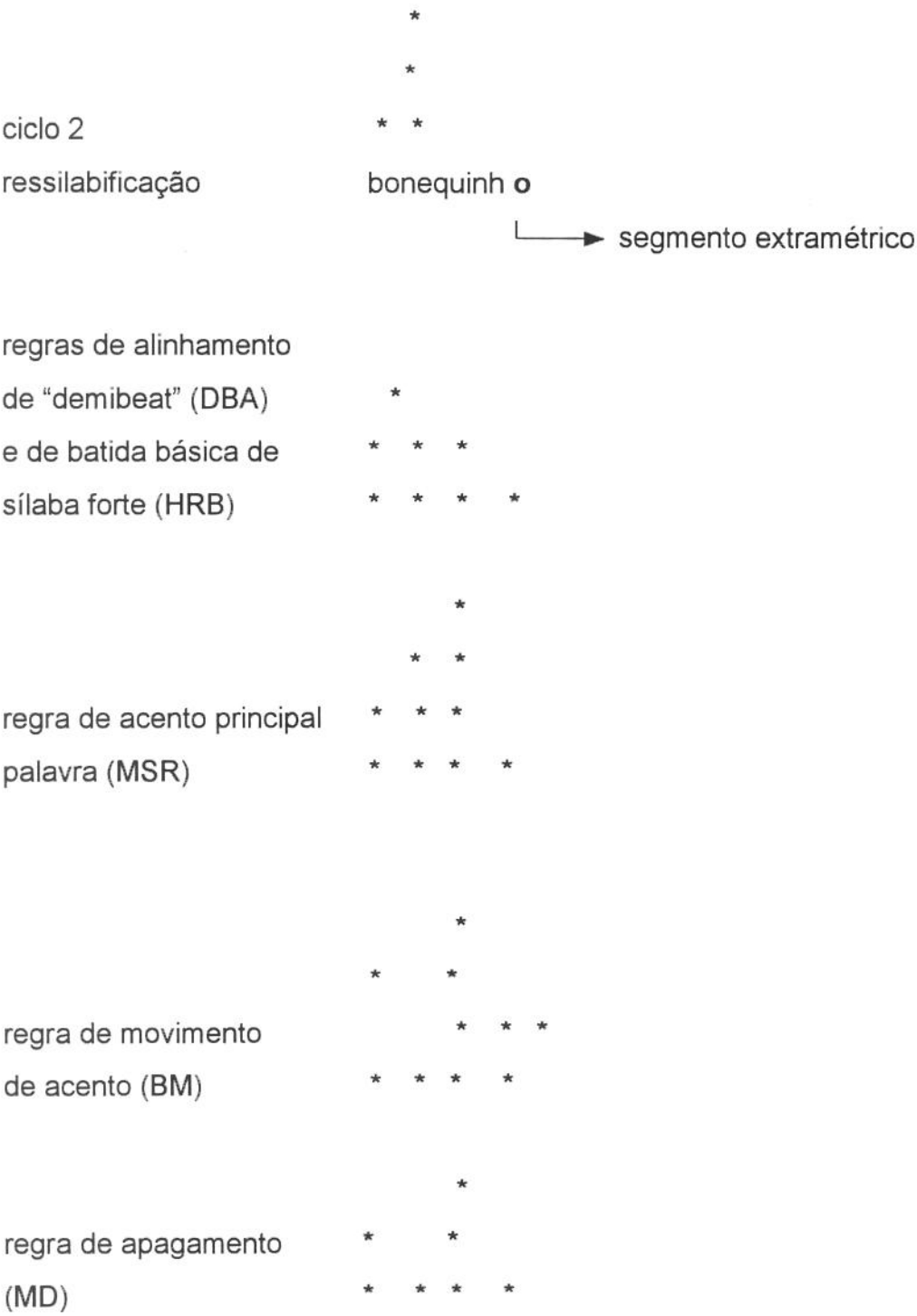
Dessa forma, nosso sujeito seleciona os segmentos/sílabas do input de seu interlocutor de forma a organizar sua grade métrica, garantindo a forma forte-fraco (**sw**) da maior parte das palavras em língua portuguesa (conforme Galves & Abaurre (1995)), como veremos mais adiante.

Nos dados (56),(57),(58),(61),(62),(63),(64) e (65), Raquel usa o morfema preso do diminutivo. Em Tiago a única ocorrência é o par (10)(11)¹⁷. A explicação para que Raquel não omita o sufixo do diminutivo é a mesma apresentada acima para os sufixos verbais:



¹⁷ O que parece ocorrer é que nosso sujeito estaria analisando o diminutivo como um morfema livre; no entanto, esse é o único momento em que o faz, não sendo possível nenhuma conclusão a respeito.

¹⁸ De acordo com Mateus (1983)(apud Massini-Cagliari 1995), o radical de nomes e adjetivos é formado pela raiz da palavra mais os afixos que não sejam de gênero ou número.



regras de alinhamento

de “demibeat” (DBA)

e de batida básica de

sílaba forte (HRB)

*

*

* *

* *

*

*

* *

* *

regra de acento principal

palavra (MSR)

*

*

* *

* *

*

*

* *

* *

regra de movimento

de acento (BM)

*

*

* *

* *

*

*

* *

* *

regra de apagamento

(MD)

*

*

* *

* *

*

*

* *

* *

Este trabalho com acentuação das palavras é para chamar a atenção para o dado (58). De acordo com Hyams (1992), cada forma flexional é adquirida

individualmente, como um todo lexical, e só posteriormente analisado¹⁹. Os dados de Raquel podem sugerir que neste período ela ainda esteja tratando as palavras (radical e afixos) como um todo; no entanto, nos dados (64) e (65) (e para Tiago os dados (10) (11)), ela separa o morfema do diminutivo, e em (58) ela o acrescenta a uma palavra que já tem um sufixo. É como se ela já estivesse analisando o sufixo **-inho**, sem dar-se conta de que **-ão** também o é. Nossos dados mostram que sempre que nosso sujeito usa “cavalão”, ela o faz como significando “cavalo”. Raquel está tratando “cavalão” como radical, de forma que o ciclo de acentuação de seu vocábulo começa como: [[cavalão]inho] e não [[[cavalo]ão]inho].

Gramaticalmente, o que podemos propor é que os “filler-sounds” cumpriram a função de proto-morfemas apenas no que diz respeito aos morfemas livres (artigos, pronomes, C e AUX).

III.1- Uma visão quantitativa dos dados

Apesar de muitos dos segmentos vocálicos não corresponderem aos propostos por Bottari et alli, eles parecem estar preenchendo o local destinado aos determinantes. A maior dificuldade em relação a uma comparação entre os seus resultados encontrados e os nossos é que a forma fonológica do sistema de determinantes do italiano (*il, la*) é diferente dos sons comumente utilizados como place-holders (*segmento vocálico menos tenso*); enquanto esses place-holders são muito próximos do sistema de determinantes da língua portuguesa (*o,a,os,as*). Isso faz com que se torne muito mais difícil afirmar quando nosso sujeito adquire o sistema de determinantes.

¹⁹ Segundo a proposta minimalista (1994), a criança não “aprende” a morfologia presa porque o aprendizado é lexical, e em INFL só ocorreria a checagem. A criança “aprenderia” cada item lexical no gerúndio, por exemplo, sem dividir, ao menos inicialmente, a palavra em lexema mais categoria funcional. Seria este o motivo por que não encontramos os filler-sounds nessa posição. A divisão morfológica será feita mais tarde, o que eventualmente explicaria produções de itens lexicais como nomes com sufixos verbais : (es)tá leguei, ou nosso dado (55).

Uma primeira forma que encontramos para ajudar a identificar os determinantes foi fazer um levantamento de todos os “ambientes” em que os segmentos vocálicos aparecem (estando ou não numa posição ocupada por morfemas livres em português brasileiro) e dos NPs não anteceditos por esses segmentos vocálicos durante o período por nós analisado e de quantas vezes eles ocorriam por sessão. Foram encontrados os seguintes ambientes:

___NP “noun phrase” sem uso de segmento antecedendo-o

12) *TIA: kaba'lɔ

36) *RAQ: 'bolə

o/u/ɔ NP “noun phrase” antecedido por vogal que seria classificada no sistema de determinantes como contendo o traço [+ masculino]

1)*TIA: u'pa:ɔ

42)*RAQ: ati u po'po

o/u/ɔ inintel. segmento ininteligível (não sendo possível defini-lo para nenhuma categoria lexical ou funcional) antecedido por vogal que seria classificada no sistema de determinantes como contendo o traço [+masculino]

68)TIA: u ma'kãde

(2;02.26)

o/u/ɔ VP “verb phrase” antecedido por vogal

69)*TIA: oʔ a ka'iω

(2;05.16)

a/ə **NP** "noun phrase" antecedido por vogal classificada no sistema de determinantes como contendo o traço [+feminino]

17)*TIA: a mi'nina

40)*RAQ: a 'bo:la

a/ə **PP/AP** "prepositional phrase" ou "adverbial phrase" antecedido por vogal classificada no sistema de determinantes como contendo o traço [+feminino]

70)*TIA: a no 'ʃãω

(2;02.26)

71)*TIA: εsa a dω 'mosω abi

(3;0.08)

a/ə **VP** "verb phrase" antecedido por vogal

41)*RAQ: a 'pə

a/ə **inintel.** segmento ininteligível antecedido por vogal classificada no sistema de determinantes como contendo o traço [+feminino]

72)*TIA: əme mi'ɔ

(2;02.26)

Além desses segmentos mais facilmente associados aos determinantes, outros segmentos vocálicos foram encontrados:

i **NP/DP** “determinant phrase” ou “noun phrase” antecedido por vogal anterior [- arredondada] e [- tensa]²⁰

43)*RAQ: adi i li'lɛla

73)*TIA: i a 'ʃika

(2;02.26)

i **VP** “verb phrase” antecedido por vogal anterior [- arredondada] e [-tensa]

74)*TIA: i eɔ 'kɛlɔ

(3;0.8)

i **inintel.** segmento ininteligível antecedido por vogal anterior [- arredondada] e [- tensa]

75)*TIA: i 'daue

(2;04.18)

? ____ oclusão glotal que antecede diversos tipos de categorias sintáticas²¹

76)*TIA: ʔnɛ'kiñɔ

(2;02.26)

²⁰ A julgar pelo estágio em que este segmento começa a aparecer, podemos supor tratar-se de um “placeholder” no que diz respeito aos conectivos. Nada, no entanto, pode ser afirmado a esse respeito, ficando aqui uma sugestão a ser perseguida.

²¹ Não foi feita uma separação entre as diversas categorias (NP, VP, PP, AdjP, AdvP) uma vez que não pareceu haver uma sistematização de seu uso, e como veremos mais adiante, esse segmento parece-nos estar associado somente a efeitos prosódicos.

Em outros ambientes foram também encontrados segmentos vocálicos, porém estes não podem ser, pelo ambiente em que se encontram (no fim ou inseridos no meio de lexemas), relacionados como “place-holders” em nenhuma categoria funcional livre em português. Estes segmentos serão analisados como exclusivos “filler-sounds”:

__a/e/i/o__ segmentos vocálicos que são precedidos por diversos tipos de categorias sintáticas

77)*TIA: a 'lusi
(2;03.18)

78)*TIA: ε a'zulω
(2;05.08)

__?__ inserção de oclusiva glotal no meio de lexemas de diversas categorias sintáticas.

79)*TIA: fis'ʔa

__a/e__ inserção de sons vocálicos no meio de lexemas de diversas categorias sintáticas.

80)*TIA: xa'ada

Para uma melhor visualização do procedimento de preenchimento dos place-holders em oposição a) aos NP não anteceditos por esses elementos, e b) por outras categorias lexicais preenchidas, agrupamos nas tabelas 1A,1B e 2 o/u/ω NP com a/ε NP/PP/AP e i NP/DP, o/u/ω VP com a/εVP e i VP, e por fim

o/u/ɔ inintel. com **a/ə inintel.** e **i inintel.**²². Durante a construção da tabela das produções de Raquel, um problema surgiu: principalmente no que diz respeito aos meses iniciais de nossa análise (até 1;8.25), Raquel usava muito os segmentos vocálicos **a/ə/ɔ** para chamar a atenção de seu interlocutor, um operador de ostensão baseado na forma adulta “olha”, e usava um contorno entonacional próprio para quando queria partilhar a atenção e para localização de pessoas e objetos, o contorno 4R. De acordo com Scarpa (1988), este contorno entonacional era utilizado por Raquel para dêixis e questões parciais (vide capítulo IV). Para que pudéssemos distinguir entre o segmento vocálico que chamava para partilhar a atenção e os segmentos vocálicos que poderiam estar funcionando como placeholders, tivemos o seguinte comportamento: consideramos como **a/ə/ɔ** significando “olha” todas os enunciados classificados como de contorno entonacional 4R e os segmentos que preenchiam outros contornos como “placeholders”.

²² As tabelas pormenorizadas encontram-se nos Apêndices 3 e 4.

TABELA 1A: SEGMENTOS VOCÁLICOS DE TIAGO: 1;5.3 A 2;1.10

	1;5.3	1;5.10	1;5.18	1;6.4	1;6.7	1;6.24	1;7.1	1;7.8	1;7.12	1;7.23	1;7.28	1;8.6	1;8.10	1;8.20	1;9.11	1;9.24	1;10.0	1;10.8	1;10.1	1;10.2	1;11.2	1;11.7	1;11.1	1;11.2	2;0.6	2;0.11	2;0.21	2;0.26	2;1.10
NP	15	23	13	1	15	18	17	1	23	18	15	10	0	48	0	56	10	32	33	31	29	10	0	48	0	56	12	32	35
a/o/u/i NP	1	0	0	3	3	1	1	1	21	0	4	1	0	13	0	13	1	2	7	9	10	2	5	9	0	11	3	23	9
a/o/u/i VP	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
a/o/i intel.	0	0	0	0	0	0	0	0	10	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
?	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	3	0	7	0	1	0	0	2	1	1	1	3	0	1	0	1	1	1
a/o/u/i/?	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	2	0	0	1	0	1	5

TABELA 2 : SEGMENTOS VOCÁLICOS DE RAQUEL: 1;5.10 A 1;11.25

	1;5.10	1;5.18	1;5.27	1;6.3	1;6.6	1;6.22	1;6.29	1;7	1;7.8	1;7.13	1;7.21	1;8.0	1;8	1;8.25	1;9.8	1;9.9	1;9.20	1;10.0	1;10.2	1;11.3	1;11.1	1;11.2
NP	31	11	12	16	18	19	6	34	10	6	17	15	23	21	71	29	23	40	46	15	8	23
a/o/i NP	22	14	13	1	17	13	22	14	2	24	38	4	20	27	34	34	4	22	15	29	60	10
a/o VP	12	17	1	0	9	1	25	2	0	13	5	5	5	2	26	10	2	9	2	19	26	0
?	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		0	0	0	0	1	2	1	0
e/i	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	21	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0

A partir dos resultados dessas tabelas, calculamos a percentagem dessas produções. Com esse resultado em mãos, construímos os gráficos abaixo (vide gráficos 1 e 2) indicando apenas as percentagens dos NPs, sendo deixados à parte os lexemas de categorias que não N (verbos, adjetivos, advérbios, AUX) precedidos pelos “place-holders”, uma vez que queremos destacar a aquisição dos determinantes (esses place-holders podem ser vistos como proto-morfemas de outras categorias).

A razão pela qual optamos por agrupar os NP [+ masculino] e [+feminino], tanto os que foram antecidos (___ NP) ou não (NP) por segmentos sonoros é que não seria possível classificar o que chamamos de linha dos place-holders dividindo entre formas [+masculinas] e [+femininas], uma vez que estes place-holders ainda estão subespecificados. O fato de existirem as formas *o/u/ø* e *a/ə* não significa que elas estejam sendo utilizadas para fazer a distinção de gênero (como é possível observar nos dados (21),(38),(44) entre outros); além do mais, como classificar, por exemplo, o segmento [i]? Contrapondo-o ao NP [+masculino] ou [+feminino]?

Através do gráfico 1 dos segmentos vocálicos encontrados no corpus de Tiago, podemos observar que a linha que indica o uso de segmentos vocálicos inicia-se, em (1;5.3) marcando apenas 6,25% e com exceção da sessão (1;6.4), onde há um pico no uso desses segmentos, nosso sujeito só passa a fazer um uso desses segmentos vocálicos superior a 20% de sua produção total a partir de (2;2.26). Seu uso ainda não está estabilizado, com muitos “altos e baixos” (tanto no sentido denotativo como pictórico da expressão) até (2;5.4). A partir de (2;5.11) as produções com segmentos vocálicos de nosso sujeito superam as produções sem esses elementos. A razão pela qual temos três picos que chegam a zero nas duas linhas ((1;8.10), (1;9.11) e (2;0.6)) é que nessas sessões nosso sujeito estava particularmente “mudo”. Optamos pela permanência dessas sessões de modo a garantir o intervalo das sessões analisadas. Uma informação muito interessante que advém desse gráfico é que podemos perceber que, a partir de

(2;5.11), “algo” acontece com nosso sujeito; seu sistema modifica-se de modo que suas produções com segmentos antecedendo os NPs passam a ser mais freqüentes. Parece-nos ser mais um dado a corroborar nossa hipótese maturacional de que, a partir dessa fase, o sistema dos determinantes começa a entrar em ação. Nossa análise, mais adiante, procurará mostrar que essa mudança não foi somente quantitativa.

O gráfico 2, das produções de Raquel, mostra-se um pouco diferente do de Tiago, e à primeira vista não parece ser possível nenhuma relação entre eles. No entanto, podemos observar que Raquel, no período por nós analisado, já tem um uso mais equilibrado dos NPs, antecedidos ou não por segmentos vocálicos. A faixa de ocorrência dos NPs antecedidos por esses segmentos situa-se entre 18% e 62%, com uma grande concentração em 45%. Já a faixa dos NPs não antecedidos pelos segmentos vocálicos é mais instável. É interessante notar que no início ambas estão equilibradas e têm o mesmo comportamento. Cumpre observar que é possível que não seja possível observar a emergência do sistema dos determinantes na fala de Raquel porque normalmente seu desenvolvimento lingüístico é mais precoce que o de Tiago e mesmo tendo analisado um período mais inicial (Tiago tem sua maturação do sistema dos determinantes por volta de (2;5.11) e analisamos Raquel desde (1;5.10)) é possível que ela já tivesse passado pela emergência desse sistema.

Estes gráficos não pretendem ser nenhuma prova do uso dos “filler-sounds” como place-holders. Optamos por considerar todos os enunciados de nossos sujeitos (tokens), uma vez que não raro eles repetiam várias vezes um enunciado acrescentando ou retirando os segmentos vocálicos. A intenção com essas tabelas e gráficos é tão somente permitir-nos visualizar a flutuação o uso desses segmentos.

GRÁFICO 1: Porcentagem das produções de NP e a/o/i NP de Tiago: 1;5.3 a 3;0.15

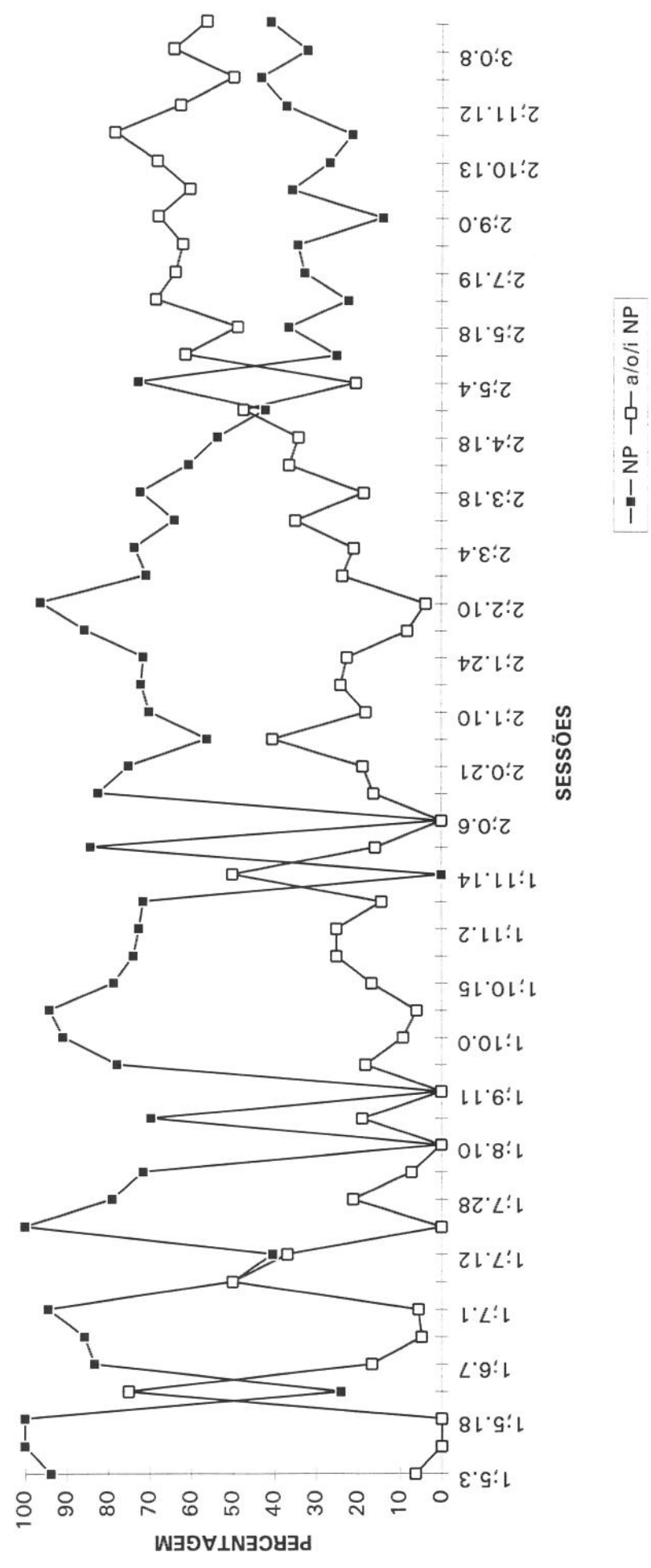
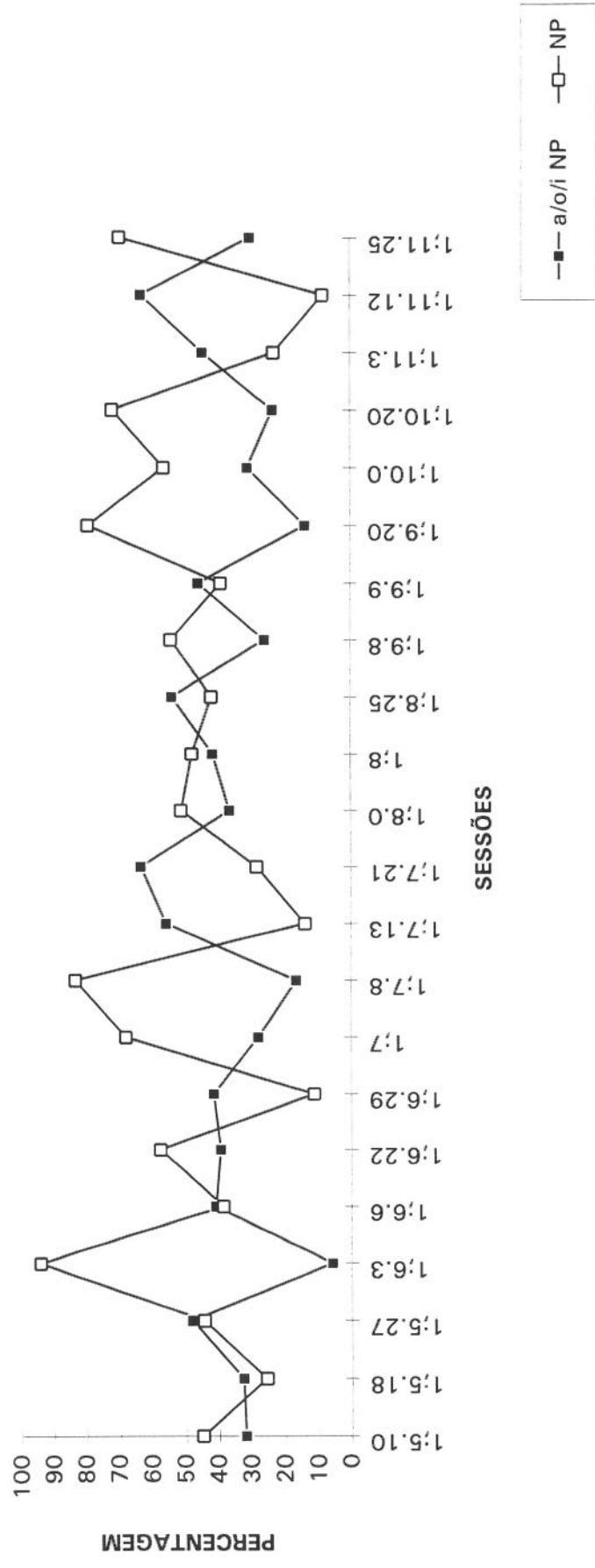


GRÁFICO 2: Porcentagem das produções de NP e a/o/i NP de Raquel: 1;5.10 a 1;11.25



Como é possível observar, há a ocorrência de vogais menos tensas durante o período de 1;5 a 1;10, principalmente frente a NP ("noun phrase"):

81)*TIA: a ne'ne
(1;05.03)

82)*TIA: u 'sukω
(1;09.24)

83)*RAQ: u 'bo: i:

84)*RAQ: a 'boy

85)*RAQ: a bo:y aki:
(1;10.20)

Tal fato não nos parece indicar, no entanto, que nossos sujeitos já estejam usando essas vogais como determinantes. Entre 1;10 e 2;2 (com algumas ocorrências em sessões anteriores ou posteriores), Tiago começa a usar o som glotal, paralelamente ao uso das vogais menos tensas, ou muitas vezes combinado com elas. Raquel também faz esse uso, porém num período mais inicial e em menor quantidade:

86)*TIA: ?u?'kaωo
*MAE: carro.
(1;10.15)

87)*TIA: u'kaxω
(2;02.26)

76)*TIA: ?nɛ'ki ñω (bonequinho)
(2;02.26)

*MAE: vamor por?

88)*RAQ: ʔa'pə

(1;05.10)

Num período posterior, a partir de 2;2 as oclusivas glotais de Tiago começam a desaparecer, e as vogais [- tensas], em especial o [a], começam a aparecer frente a verbos. Em Raquel foi possível encontrar a vogais tensas frente a verbos em períodos anteriores (dados (39) e (45)) concomitantemente com as oclusivas glotais, porém estas últimas apareciam em falsos começos e hesitações (como em (89))²³.

89)*RAQ: ʔã / a / vo / pisiza ga'da:

*MAE: Ah, você precisa guardar.

(1;09.09)

Essa ocorrência frente a verbos poderia nos fazer crer que Tiago ainda confunde o uso dos determinantes, e que ainda estaríamos lidando apenas com "filler-sounds"; porém é bom lembrar que o nosso verbo auxiliar (*estar*) em português é muitas vezes produzido ((es)tá) e o que pode estar ocorrendo é nosso sujeito estar produzindo apenas a vogal do auxiliar, como parece ser em:

*MAE: não (es)tá no bibi. Onde é que ela tá?

90)*TIA: a no mi'mi

*MAE: olha, é a menina. Onde é que ela (es)tá? (Es)tá no carro?

91)*TIA: a nu 'ka

²³ Não é objetivo desse trabalho tratar de hesitações. Aos interessados, remetemos ao trabalho de Scarpa (1995b).

*MAE: não, ela não (es)tá no carro.

(2;02.26)

Um argumento para corroborar nossa hipótese é que, em muitos outros contextos, Tiago omite consoantes das sílabas produzidas ou repete apenas a rima das sílabas:

*MAE: é guarda-chuva, Tiago?

92)*TIA: a a'ʃuva

(2;02.26)

*MAE: siri (es)tá na outra página, já foi.

93)*TIA: a'foi

(2;03.04)

Tal visão não contraria uma abordagem prosódica do fato, que veria esse som como sustentação de um contorno entonacional, como veremos mais adiante.

Assim o fato de a vogal menos tensa [a] começar a aparecer com mais frequência frente a verbos nesta fase nos parece indicar que nosso sujeito já está começando a trabalhar com a categoria dos AUX. Isso de maneira alguma quer dizer que ele já adquiriu esta categoria, mas que ele já está utilizando proto-morfemas nesses lugares.

Da mesma forma como a vogal [a] pode estar sendo usada como um proto-morfema de outra categoria, temos o uso da vogal posterior arredondada [u] em outro contexto, mas cuja explicação acima também parece ser plausível:

94)*TIA: u'sei (não sei = num sei)

(2;02.26)

*MAE: não. Ela não (es)tá no barco. (Es)tá no bibi?

95)*TIA: a ũ ta bi'bi

(2;02.26)

III.2- A incidência de sons preenchedores no foco e não-foco

Voltando aos nossos NPs, procuramos observar como eles estavam sendo usados pelas crianças, e no caso de repetição, de que parte do enunciado estariam sendo retirados, do *foco* ou do *não foco*. De acordo com Prince (1981), a distinção *foco/pressuposição* (ou *dado/novo*, segundo o autor) é encontrada em diferentes níveis (sentença, discurso) e é definida em diferentes termos, como o contexto ou a entonação. Prince afirma que é nesse último termo que Halliday define *foco/pressuposição*: o que é *novo (foco)* é o foco marcado ou não marcado entonacionalmente, e o *dado* é o complemento do *novo*. Segundo Selkirk (1984), o *foco* é o que traz alguma contribuição informacional para o discurso, e a relação entre a estrutura entonacional e a estrutura de *foco* de uma sentença é baseada em duas regras: *Regra Básica de Foco (BFR)* e *Regra de Foco Frasal (PFR)*. De acordo com essas regras, um sintagma sentencial (DP, VP) que recebe um acento de altura é “focado” (*BFR*); e para ser focado não é necessariamente a cabeça do sintagma que deve receber o acento, podendo ser acentuado um argumento do sintagma (*PFR*). Não nos aprofundaremos mais na distinção *foco/pressuposição* por não ser esse o interesse de nosso trabalho, e estaremos assumindo que o *foco* sempre receberá acento de altura²⁴. Estamos considerando neste trabalho como *não-foco* não somente a *pressuposição* mas também o *tópico* de uma sentença, visto que muitas vezes foi difícil identificar se o que nossos sujeitos estavam repetindo era o *tópico* ou algum outro *dado* do enunciado do adulto.

²⁴ Aos interessados, remetemos a Selkirk (1984), Prince (1981), Cinque (1994).

Levando em conta apenas os NPs anteceditos por segmentos vocálicos, estes foram divididos em dois tipos de produções:

I) repetição imediata de um lexema produzido por seu interlocutor

Os itens que tratavam de repetição foram subdivididos em dois:

a) retomada do *foco*

*MAE: como é que chama a tia?

96)*TIA: a' tʃia

(1;11.29)

b) retomada do *não-foco*

*MAE: qual é o outro bicho que tem lá?

97)*TIA: ʔm'biso

(1;11.04)

II) não repetição (ou repetição em um outro momento do discurso).

98)*TIA: ə'muska

*MAE: a música!

(1;07.08)

Os resultados, em termos numéricos, encontram-se nas tabelas 3A, 3B e 4 abaixo.

TABELA 3A: REPETIÇÃO OU NÃO DE NPS PRECEDIDOS POR "FILLER-SOUNDS" POR TIAGO: 1;5.3 A 2;2.3

	1;5.3	1;5.10	1;5.18	1;6.4	1;6.7	1;6.24	1;7.1	1;7.8	1;7.12	1;7.23	1;7.28	1;8.6	1;8.10	1;8.20	1;9.11	1;9.24	1;10.0	1;10.8	1;10.15	1;10.22	1;11.2	1;11.7	1;11.14	1;11.29	2;0.6	2;0.11	2;0.21	2;0.26	2;1.10		
TOTAL	retirado		foco		não-foco		retirado		foco		não-foco		retirado		foco		não-foco		retirado		foco		não-foco		retirado		foco		não-foco		
	1	0	0	5	3	1	1	1	21	0	4	1	0	12	0	12	1	2	7	9	10	2	5	9	0	11	3	23	9		
TOTAL		1	0	0	5	3	1	1	1	21	0	4	1	0	12	0	12	1	2	7	9	10	2	5	9	0	11	3	23	9	
foco		0	0	0	1	0	0	1	0	13	0	3	0	0	8	0	5	0	1	3	7	8	2	3	9	0	0	1	11	6	
não-foco		1	0	0	2	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
retirado		1	0	0	2	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
não retirado		0	0	0	2	3	1	0	1	7	0	1	1	0	4	0	7	1	1	4	2	2	0	2	0	0	0	11	2	12	3

TABELA 3B: REPETIÇÃO OU NÃO DE NPS PRECEDIDOS POR "FILLER-SOUNDS" POR TIAGO: 2;2.10 A 3;0.15

	2;1.18	2;1.24	2;2.3	2;2.10	2;2.26	2;3.4	2;3.11	2;3.18	2;4.0	2;4.18	2;4.26	2;5.4	2;5.11	2;5.16	2;6.12	2;7.19	2;8.17	2;9.0	2;9.27	2;10.13	2;10.27	2;11.12	2;11.25	3;0.8	3;0.15	
	não retirado																									
	retirado	6	5	1	1	14	8	13	5	8	9	5	7	16	34	25	23	10	16	21	15	20	21	11	11	14
		0	0	0	0	1	0	5	0	3	4	1	2	4	1	8	5	4	13	8	8	10	11	3	22	8
	foco	6	7	3	0	10	7	12	5	1	1	3	0	7	5	4	9	4	5	3	5	3	3	1	5	0
TOTAL	12	12	4	1	25	15	30	10	12	14	9	9	27	40	37	37	18	34	32	28	33	35	15	38	22	

TABELA 4: REPETIÇÃO OU NÃO DE NP PRECEDIDOS POR "FILLER-SOUNDS" POR RAQUEL: 1;5.10 A 1;11.25

	1;5.10	1;5.18	1;5.27	1;6.3	1;6.6	1;6.22	1;6.29	1;7	1;7.8	1;7.13	1;7.21	1;8.0	1;8	1;8.25	1;9.8	1;9.9	1;9.20	1;10.0	1;10.20	1;11.3	1;11.12	1;11.25
não retirado	17	6	12	1	12	9	18	8	2	21	21	15	13	15	16	17	3	15	13	14	36	6
retirado	2	0	1	0	0	1	2	0	0	1	12	0	4	6	15	13	0	4	0	8	11	2
	3	8	0	0	6	3	2	6	0	2	5	0	3	6	3	4	1	3	2	6	13	2
TOTAL	22	14	13	1	18	13	22	14	2	24	38	15	20	27	34	34	4	22	15	28	60	10

Como é possível observar nas tabelas 3A e 3B, há um crescimento na quantidade de NPs produzidos sem repetição e na repetição de não-foco, e uma diminuição ainda mais significativa da repetição de lexemas do *foco* do interlocutor. A alta quantidade inicial que se dá nos lexemas que não repetem o input deve-se muitas vezes à situação de nomeação em que se coloca o nosso sujeito (como no dado (96)).

Pode-se observar que, de (1;7.12) a (2;3.18) há um equilíbrio entre a *não repetição* e a *repetição* do *foco* do interlocutor. Antes disso as produções de nosso sujeito são muito poucas, não sendo possível nenhuma afirmação segura do que está ocorrendo. A partir de (2;4.0) diminui consideravelmente o número de repetições do *foco* do interlocutor, de modo que o uso que nosso sujeito está fazendo dos segmentos *o/a* parece ser diferente do uso anterior. Cruzando nossos resultados com os do gráfico 1, percebemos que o período em que diminui a repetição do *foco* do input do interlocutor corresponde ao aumento do uso de NPs precedidos por segmentos vocálicos produzidos por nosso sujeito. Se nosso sujeito estivesse simplesmente deixando de usar uma estratégia de preenchimento rítmico do segmento extraído de seu interlocutor, esperar-se-ia um decréscimo no uso dos NPs antecidos por *a/o*, o que não ocorre. O que parece ocorrer é que nesse momento (a partir de 2;4), o uso dos segmentos vocálicos *o/a* por parte de nosso interlocutor torna-se qualitativamente diferente. A predominância da repetição do *foco* em detrimento da repetição de lexemas do *não-foco* também é mais um argumento a favor de nossa posição teórica, segundo a qual nosso sujeito teria suas produções direcionadas, determinadas pelo nível entonacional da hierarquia prosódica ("top-down"). Nosso sujeito estaria, num momento inicial, recortando o input do adulto observando o domínio prosódico, e somente mais tarde o recorte torna-se sintático.

A tabela 4, de Raquel, mostra que seu uso dos NPs mantém-se estável, com predominância da *não repetição* do adulto. Esta informação, cruzada com o gráfico 2, em que também há uma estabilidade na produção de NP antecidos e

não antecedidos por segmentos vocálicos, corrobora a hipótese de que ela já passou pela transição dos filler-sounds para os place-holders.

Resta-nos agora observar qual o uso que está sendo feito desses segmentos vocálicos

III.3- O uso dos determinantes por nossos sujeitos

De acordo com o que vimos em Kato (1974), o artigo definido é analisado como um quantificador que faz referência a todo o escopo de um dado conjunto. Para melhor analisarmos os dados de nossos sujeitos, cumpre observar como o artigo definido é usado em português brasileiro. Segundo Castilho (1989), o artigo definido é o determinante por natureza, e irá especificar o N (substantivo) ao qual se liga. Hoje a Teoria da GB propõe mudanças na análise gramatical, de modo que o determinante se liga ao NP e não mais ao N, mas a função de especificador deste determinante permanece. De acordo com o autor, o artigo definido instancia um N extensivo no discurso, enquanto a sua ausência aponta apenas para o conceito desse N. Analisado discursivamente, o determinante quando endofórico, traça o percurso do não conhecido (artigo indefinido) para o conhecido (artigo definido) se for tópico não compartilhado entre os interlocutores no discurso; se o tópico for compartilhado, o artigo definido aparece já especificando o N a que se liga, e poderá ser substituído mais tarde pelo artigo indefinido. No caso do artigo exofórico em um discurso, ele terá o mesmo comportamento do determinante quando o tópico é partilhado, ou seja, assinalará que o N em questão é uma informação prévia. Palácio, Oliveira, Araújo & Silva (1989), ao fazerem um levantamento do uso do artigo definido, chegaram à conclusão de que este é usado na linguagem adulta para a determinação ("vi o pretinho chegando"), dêixis ("e a pessoa que estava junto..."), enfatizar um termo ("não foi uma festa qualquer, foi a festa")²⁵.

²⁵ Os dois primeiros exemplos foram retirados do texto de Palácio et alli e o último do texto de Castilho.

Uma vez que, segundo Kato (1974), o artigo definido tem como definição ser o quantificador de um conjunto, podemos dizer que pertence à gramática nuclear de uma língua a função do artigo definido de quantificar um dado conjunto, instanciando um NP e especificando-o. Um fato que vem reforçar essa afirmação é que essa função do artigo definido é adquirida nos períodos iniciais da aquisição da linguagem. As demais funções do artigo, por serem adquiridas mais tarde e variarem de língua para língua, pertencem à gramática periférica do português brasileiro.

Como podemos observar nos dados abaixo, uma das formas em que o determinante surge na fala de Tiago a partir de 2;4 é em instanciações de enunciados em sequência, intermediados ou não por um turno do interlocutor, em que ele primeiro usa os NP sem os segmentos vocálicos, e depois insere-os:

99) *TIA: na'i:ze

*MAE: o nariz? mostra o nariz.

100)*TIA: u na'ize

101)*TIA: u na'ize

(2;01.10)

*MAE: bolinha verde.

102)*TIA: mai'elw bo'liña azu

103)*TIA: mai'e a 'bola subiu

(2;6.12)

*MAE: e aqui, o que que tem aqui?

104)*TIA: a ma'mãe

105)*TIA: bo'iña

106)*TIA: a bo'iña a'ki

107)*TIA: bark_ω ko esi na'vi_ω

*MAE: Navio. Barco com esse navio?

108)*TIA: u u barku k_ω na'vi_ω

(2;09.27)

Uma nova função no uso dos determinantes começa a aparecer nos dados de Tiago: a auto-repetição; primeiro o conceito e depois a especificação. Parece o uso exofórico de que fala Castilho. Esta nova função nos fornece pistas para afirmar que Tiago agora está passando da subespecificação no uso dos determinantes para a especificações mais explícitas. Isto nos fornece argumento em favor da hipótese de ancoragem prosódica para os determinantes. Raquel, nosso outro sujeito, também faz esse tipo de uso do determinante, porém mais cedo, o que está de acordo com a análise das tabelas de seus dados, que parecem indicar um desenvolvimento mais cedo que o de Tiago:

(situação: Raquel estava brincando com a bola)

109)*RAQ: 'bɔla

110)*RAQ: a 'bɔla

(1;05.10)

111)*RAQ: ka'ka:

*MAE: que cacá?

112)*RAQ: ka'ka

*MAE: ah?

113)*RAQ: a ka'ka:

114)*RAQ: a ka'ka

(1;06.06)

*MAE: vamos colocar:

115)*RAQ: bu'ka:do

116)*RAQ: e bu'ke:do

(1;10.14)

Ao lado desse uso, um outro uso aparece, em que nossos sujeitos primeiro usam o NP antecedido por segmento vocálico e depois não antecedido:

117)*RAQ: u ka'so:j_ω

*MAE: cadê?

118)*RAQ: ka'so:j_ω

119)*RAQ: kaso:j_ω a'ki

(1;09.20)

*MAE: que que o Tiago fez?

*TIA: mãj

120)*TIA: u 'kax_ω

*TIA: mãj

*MAE: uhn? o que que a Berenice fez?

121)*TIA: istago u 'kax_ω

*TIA: mãj

*MAE: uhn?

122)*TIA: istago: 'kax_ω

(2;07.19)

123)*TIA: eω kelω a pe'rua

*TIA: mãe

*MAE: a perua?

124)*TIA: kade pe'rua

*MAE: ah, (es)tá ali a perua.

(2;09.27)

Uma vez que Raquel já passou pelo período que estamos considerando como de aquisição do determinante (pelo menos no que diz respeito à sua característica de especificação), seus dados não nos podem ajudar a fazer qualquer proposta a respeito do assunto, apenas corroborando o que dizemos ao analisar os dados de Tiago. Nesse sujeito é possível observar o processo inverso do que foi discutido acima (NP sem antecedente e depois NP com antecedente), ou seja, há ocasiões em que nosso sujeito primeiro usa o NP com antecedente para depois usá-lo sem. À primeira vista estes poderiam ser contra-exemplos para nossas afirmações, no entanto, observando a situação em que se colocam, percebemos que esse procedimento ocorre sempre que seu interlocutor não entende, ou tem dúvidas a respeito do que disseram. É como se as crianças fizessem o uso exofórico de que fala Castilho, tomando o NP como sendo conhecido pelo contexto. Uma vez que Raquel e Tiago percebem que há uma falha na interlocução, que esse NP não está sendo referido por seu interlocutor, eles “voltam atrás”, instanciam-no, conceitualizando o NP (não fazendo uso portanto do determinante) para depois continuar a interlocução.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE PROSÓDICA DOS SEGMENTOS VOCÁLICOS

Conforme Peters (1977, 1983, 1992), Peters & Menn (1992) e com o que mostram nossos dados, a criança faz recortes do fluxo da fala do interlocutor que nem sempre correspondem às palavras do sistema lingüístico do adulto. Para Peters, a criança se depara com o fluxo de fala do adulto e tenta recortar “unidades” dessa fala, dando-lhes um significado de modo a utilizá-las mais tarde. Segundo a autora, o recorte dessas “unidades” se daria pelo significado, silêncio entre palavras, suprasegmentalmente (contorno de altura), tom e ritmo. Esses recortes seriam influenciadas por fatores como a fala do input, as funções que a linguagem teria para a criança, as expectativas de participação e produção da criança na fala, diferenças neurológicas e de estratégias individuais (Peters 1977; 1983). Peters, ao chamar a atenção para a importância da memória e da limitação cognitiva da criança mais do que os fatores que a ajudariam a recortar a fala do adulto, acaba por deixar de lado alguns fatos interessantes sobre o processo de recorte desses dados, como exemplificariam nossos dados (80), (129), (130), (131), (132) e (138), em que o próprio recorte das palavras modifica o input segmental do adulto. A autora procura analisar os “filler-sounds” e relacioná-los com uma estratégia, ao mesmo tempo de preenchimento rítmico e de preenchimento morfológico (cf. 1977); para Peters, a aproximação prosódica que a criança faz significa unicamente recorte rítmico, de forma a preencher um esquema (**sw**).

Os enunciados de nossos sujeitos muitas vezes compreendem partes de uma palavra, blocos de mais de uma palavra, palavras com inserções de sons não esperados ou união de partes de várias palavras do adulto:

Dados de Tiago:

*MAE: É o nenê, tá lá tomando banho, viu?

125)*TIA: ane:'ne:

*MAE: A menina!

126)*TIA: afe'sa:

*MAE: Fecha!

*MAE: Suco

127)*TIA: ʔə'su:k:u

*MAE: Não! Suco não

128)*TIA: ʔə'su:k:u

*MAE: É o suco.

(1;8.20)

*MAE: O pião roda, Tiago?

80) *TIA: xa'ada

*MAE: Tiago já mamou?

129)*TIA: ʒa'mo

*MAE: É. Cê já mamou? Na mamadeira? Tomou tudo?

130)*TIA: to:'tudɔ

(2;0.26)

Dados de Raquel:

*MAE: vamos por.

131)*RAQ: m'po

(1;5.10)

*MAE: Por o quê?

132)*RAQ: a po ne'ne.j

*MAE: eh, (vo)cê quer por a fita.

(1;5.27)

133)*RAQ: kale'lɛla

*MAE: ahn?

134)*RAQ: kale'lɛla:

*MAE: que que é calelela? Que que é isso?

135)*RAQ: ale'lɛ:la

*MAE: ah, a janela.

(1;6.6)

*MAE: onde (vo)cê vai?

136)*RAQ: pɛis'ko:la

*MAE: (vo)cê vai na escola?

(1;6.29)

*MAE: dá licença?

137)*RAQ: a'sɛsa

*MAE: dá licença, sim.

(1;7.13)

138)*RAQ: tilo'leʔa

*MAE: tirou a orelha.

(1;8)

De acordo com Plunkett (1993), a criança, para descobrir os componentes estruturais do sinal de fala, atribui propriedades estruturais para estes sinais que

não correspondem necessariamente ao uso da linguagem pelo adulto, uma vez que mesmo as pistas prosódicas e fonéticas poderiam ser ambíguas. Segundo o autor, ao defender que os critérios de fluência e precisão seriam melhores que os critérios de frequência e distribuição para se analisar estratégias de segmentação do input por parte das crianças, as tentativas de identificação das unidades lingüísticas poderiam resultar em três tipos de segmentação do input: “lexemas-alvo”, que corresponderiam aos lexemas da linguagem adulta; “expressões formulaicas”, em que a sequência conteria ao menos um lexema mais algum material fonético; “formas sub-lexicais”, que seriam partes de palavras, sequências de sons que não contêm lexemas ou os próprios “place-holders”/“filler-sounds” de que tratamos nesse trabalho. Para o autor, esses três tipos de recorte da fala do adulto difeririam em tamanho, e a eles estariam relacionadas a precisão articulatória e a fluência, de modo que as “formas sub-lexicais” seriam mais precisas e menos fluentes que as “lexemas-alvo”, e estes, por sua vez, também mais precisos e menos fluentes que as “expressões formulaicas”. Grosso modo, as “expressões formulaicas” seriam mais fluentes, mas com menos precisão articulatória, e as “formas sub-lexicais” seriam articuladas mais precisamente, porém menos fluentes, ao menos no começo. Estes três tipos de recortes não são os enunciados, mas os constituintes dos enunciados da criança.

Seguindo seus critérios, os dados (125), (126), (131) e (132) seriam considerados como enunciados constituídos somente por “expressões formulaicas”, uma vez que há um lexema mais uma sequência de sons extraído da fala do input; os dados (127), (128), (80), (129), (133), (134), (135) e (137) seriam o que poderíamos exemplificar como um enunciado constituído por um “lexema-alvo” e uma “forma sub-lexical” (uma parte de um lexema ou um “filler-sound”). Desse modo, o que está classificando o recorte que a criança faz é o input do adulto; o dado (125) é considerado constituído por uma “expressão formulaica” porque na fala do interlocutor há um material fônico anterior ao lexema reproduzido pela criança; no dado (127), ao contrário, o interlocutor só produz o lexema repetido, logo a inserção deve ser considerada como uma “forma sub-

lexical” (mais especificamente um “filler-sound”). Parece-nos querer retratar de maneiras diferentes um mesmo fenômeno. Não é interesse desse trabalho do autor tratar especificamente das “formas sub-lexicais” (mais especialmente dos “filler-sounds”), e por isso ele parece não fazer uma distinção, essa sim talvez um fenômeno qualitativamente diferente (ao menos posteriormente) entre os “filler-sounds” de início de palavras e aqueles que são inseridos no meio dos lexemas (como veremos mais adiante, eles pertencem a dois sub-grupos distintos). No entanto, os dados (129) e (137) são realmente um problema para a análise proposta por Plunkett: decididamente não são compostos por “lexemas-alvo”, uma vez que não há um lexema completo, mas apenas sílabas constitutivas de lexemas; também não podemos dizer que haja uma “expressão formulaica”, pois novamente não há um lexema; porém, asseverar que é um enunciado constituído por duas “formas sub-lexicais” é ignorar o enunciado do interlocutor, que estava sendo considerado anteriormente. Ao propor essa tipologia para a segmentação do input pela criança, além de considerar como sendo dois um mesmo fenômeno, o autor, por se basear numa hipótese de extração do input, acaba por não observar o que estaria norteadando essa segmentação (com a inserção e a omissão de sons aos dados do input).

A omissão de segmentos fonológicos nos enunciados da criança fez com que fôssemos procurar uma causa para este fenômeno. Como é possível observar nos Apêndices 1 e 2, não há nenhum padrão para os segmentos omitidos (por exemplo o fato de os segmentos serem líquidas ou nasais), de modo que não podemos atribuir essa omissão a uma dificuldade em realizar foneticamente algum segmento. Gerken (1994) e Wijnen, Krikhaar & Den Os (1994) propõem que a omissão de determinadas sílabas do enunciado da criança estaria relacionada a um “esqueleto” rítmico de forma (**sw**). Tanto Gerken, trabalhando com palavras, quanto Wijnen et alli, trabalhando com enunciados, são contrários às hipóteses que dizem que algumas sílabas são omitidas por não serem percebidas pelas crianças. Para ambos, a resposta para a omissão estaria na produção e não na percepção das enunciações; no entanto, ao tratar da

omissão de uma sílaba quando há mais que uma que possa sê-lo, as propostas divergem. Segundo Gerken, tanto adultos como crianças desenvolvem uma estratégia de identificar um lexema através de uma sílaba acentuada, pois a maioria das palavras em inglês começaria com uma sílaba acentuada. Uma vez que sua proposta toma como pé métrico a cabeça à esquerda, e para o português do Brasil esta parametrização também é assumida (Galves & Abaurre, 1995), seria de se esperar que, frente a um enunciado como o abaixo, a parcial repetição de Tiago (uma vez que ele opta por não responder a pergunta a ele dirigida, mas repetir parte do enunciado) fosse a que está marcada com um asterisco, e não a que ocorreu:

W S W W S

*MAE: Quem chegou? Tocou campainha. Quem foi que chegou?

139)*TIA: ʃe'go

*'foi ki

(2;3.11)

A explicação prosódica para a enunciação de Tiago, mesmo que contrariando o “esqueleto” rítmico (sw) (não tendo sido aplicadas as regras de GE para garantir PRA no enunciado do interlocutor), é que a última sílaba da palavra “chegou”, no enunciado do adulto, recebe não só o acento rítmico como os acentos lexical e frasal, sendo então mais saliente que a sílaba ritmicamente acentuada à sua esquerda²⁶. Este fato mostra também que nosso sujeito não só repete o que está no input mas adapta a sequência assimilada à estrutura prosódica do estágio de desenvolvimento em questão²⁷:

²⁶ Uma vez que nosso interesse era em analisar as inserções de sons preenchedores nos enunciados de nossos sujeitos, não analisamos os processos que poderiam estar sendo aplicados nos enunciados de seus interlocutores. Um estudo que vise a analisar a aquisição do padrão rítmico, por exemplo, deve levar em conta os processos de redução, ditongação, mudança de acento e outros que podem estar ocorrendo no enunciado do interlocutor.

²⁷ A partir desse momento só colocaremos os níveis hierárquicos que julgarmos necessários para a demonstração de nossa análise.

*intonational phrase
* foot
* syllable

quem foi que chegou?

Uma outra possível influência no recorte do enunciado por parte de nosso sujeito está no próprio enunciado dirigido a ele. A palavra por ele repetida, apesar de não se iniciar com uma sílaba forte, foi enunciada momentos antes em um outro contexto (“*quem chegou*”) de forma que não só o acento lexical, mas também o fato de nosso sujeito ter escutado a mesma palavra em outros contextos (em outras sessões: *o papai que chegou, o Marcelo chegou,...*), também pode ter contribuído para o recorte do enunciado a ele dirigido.

Se foi o fato do enunciado de Tiago em (139) levar em conta o acento frasal que determinou sua produção, a mesma explicação não pode ser evocada em (140):

*MAE: Tirou do castelo.
140)*TIA: ti'lo du kas'telə
* 'rodə

(2;3.11)

Neste caso, Tiago está repetindo todo o enunciado de seu interlocutor. Dizer que ele já tem maior domínio rítmico não é possível, pois os dados (139) e (140) foram tirados da mesma sessão. Tiago não está também aplicando GE de forma a preencher o esqueleto rítmico **sw** (assim como novamente seu interlocutor).

ti rou do cas te lo

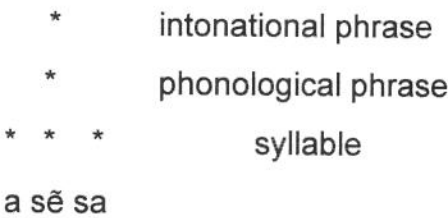
* *

 * *

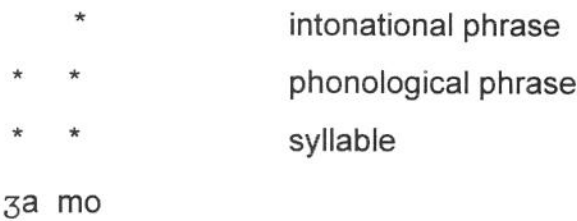
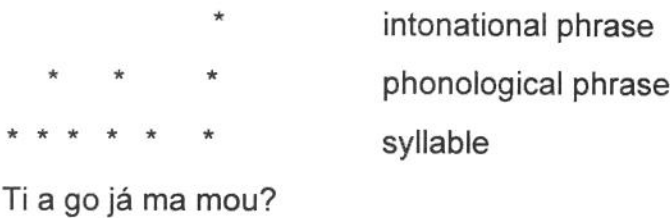
* * * * * *

intonational phrase
phonological phrase
syllable

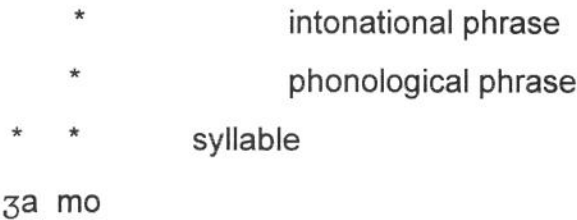
O clash criado no nível de acentuação de palavra não é permitido, de forma que, pela regra de apagamento (Beat Deletion), o acento à esquerda é suprimido, ficando:



Raquel está obedecendo perfeitamente ao PRA e à parametrização acentual de lexemas do português. Tiago faz o mesmo, e analisando a acentuação de (129) nos diversos níveis hierárquicos encontramos:



O “clash” criado não é permitido, e pela regra de apagamento passamos a ter:



Mas o que estaria direcionando a escolha da sílaba a ser omitida?

Tanto Gerken quanto Wijnen et alli procuram explicar em que bases é feita a escolha de uma sílaba fraca final a ser omitida, principalmente quando o lexema tem mais de uma. De acordo com Gerken, respeitando-se a proposta de um esquema (**sw**), quando frente a um lexema do tipo (**ws**) a criança tenderia a omitir o (**w**) inicial, e seria de se esperar que, frente a palavras do tipo (**sw**), fosse omitida a última sílaba (**w**); no entanto, muitas vezes o que ocorre é a omissão da penúltima sílaba, também (**w**). Segundo a autora, a resposta para esse aparente problema é que, ao mesmo tempo em que a criança tem um esquema rítmico (**sw**), ela também tem um arcabouço silábico do tipo (**cv(c)**) (em que a última **c** é opcional), o que faria com que ela escolhesse a sílaba fraca final a ser omitida dentre as que preenchessem esse arcabouço silábico. Quando as duas sílabas fracas preenchem o arcabouço silábico, Gerken diz que a escolha da sílaba a ser omitida é livre, e pode variar nos enunciados. Não é, entretanto, o que observamos em nossos dados. Nos enunciados de Raquel encontramos apenas uma ocorrência de (**sw**), e de construção silábica do tipo **v-cv-cvc** (óculos). Tiago, porém, mantém sempre a mesma sílaba:

141)*TIA: o:ta 'ʃika

142)*TIA: o:ta 'ʃika

*MAE: outra xícara.

143)*TIA: o:ta 'ʃika

*MAE: que que você quer? quer pegar o resto da xícara? cadê o resto da
xícara? não sei.

144)*TIA: a 'ʃika

145)*TIA: aga'ʃika

*MAE: cadê? Ó, Tiago.

146)*TIA: 'ʃika

(2;2.28)

Deixaremos esta questão ainda em aberto para observar se outros estudos nos indicarão uma proposta de análise única para essas duas ocorrências.

Ora, nos enunciados de uma palavra de nossos sujeitos, não são muitas as palavras do tipo (**sww**) - proparoxítonas - e são mais freqüentes as palavras com duas sílabas fracas iniciais - (**wws(w)**). Gerken e Wijnen afirmam que, nas palavras iniciadas por sílabas fracas (**w**), estas tenderiam a desaparecer. Entretanto, não é o que ocorre segundo os nossos dados (conforme é possível observar nos Apêndices 1 e 2, somente as sílabas iniciais (**w**) formadas por vogais são regularmente omitidas) e os de Plunkett, que admite expressões formulaicas sem restringir onde o material fonético se agrega à forma lexical.

Se Gerken propõe que a escolha de uma sílaba fraca a ser omitida entre duas finais se dá devido ao arcabouço silábico, podemos então acreditar que, a criança, se tiver que optar por omitir uma sílaba fraca inicial frente a duas, ela manterá a que preencher esse arcabouço. Na fala dirigida a nossos sujeitos é muito comum palavras com duas sílabas fracas iniciais (cobertor, amarelo, redondinho, caminhão, passarinho...) e corroborando o que assevera Gerken, eles tendem a manter o arcabouço silábico **cv(c)**:

w w s w - arcabouço rítmico
v cv cv cv - arcabouço silábico
 A - MA - RE - LA

*MAE: A flor.

147)*TIA: ma'lɛla

*MAE: amarela

148)*TIA: ma'lɛla

(2;2.28)

Assim como de forma a preencher o arcabouço mais básico (**cv**) e a acentuação paroxítona, Tiago também acrescenta sons finais (**luzi**, **narize**, **azulo**) às sílabas ramificadas ou à sílabas formadas por somente (**v**):

$\begin{array}{ccc} \text{'cvc} & \longrightarrow & \text{'cvc v} & \longrightarrow & \text{'cv cv} \\ \text{'Luz} & & \text{'Luz i} & & \text{'Lu zi} \end{array}$

cv cv

149)*TIA: a 'luzi

*MAE: eihn?

150)*TIA: a 'luzi dotu bisi'kletʃi

*MAE: a luz da outra bicicleta?

*MAE: é pra mim esse aqui, o coelho?

151)*TIA: ko'lelɔ

(2;3.18)

A solução encontrada por Wijnen et alli para explicar a escolha da sílaba omitida parece resolver essa questão. Segundo os autores:

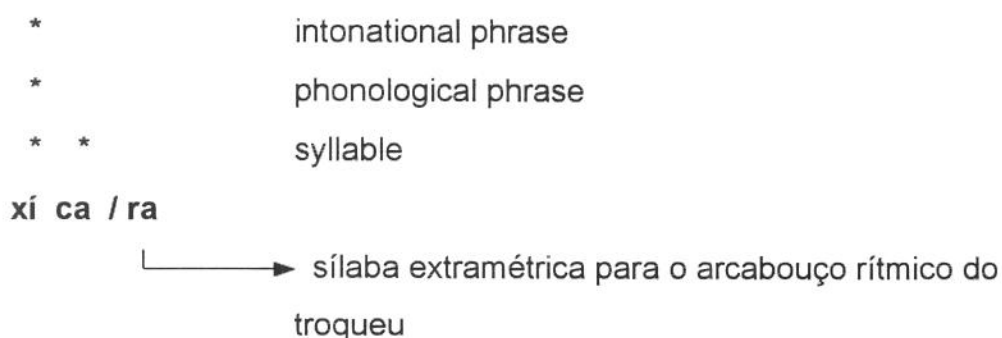
"the words from which one weak syllable is deleted can be divided in two types: those in which both weak syllables are equivalents in terms of stress (both contain schwas), and those in which one of the two weak syllables is stronger than the other."

(1994: 71)

No entanto, os autores não explicam em que termos analisar uma sílaba como mais forte que outra. Para eles, a escolha da sílaba fraca a ser retida entre duas fracas finais seria aquela que recebe o acento secundário :

"In the second type of word, it is mostly the weakest syllable (usually a schwa) that is omitted...The other weak syllable, which in fact bears secondary stress, is retained. (1994:71)

Um problema surge: não é possível haver a atribuição, ao menos em português, do acento secundário à direita do acento principal. Wijnen não explica em que termos está definindo este acento secundário que enuncia²⁸. Uma alternativa possível é considerar que, neste caso, nosso sujeito está omitindo a sílaba que excede o preenchimento do arcabouço rítmico trocaico (**sw**):



O fato de Gerken propor uma solução baseada no arcabouço silábico e Wijnen et alli proporem que a resposta esteja na estrutura rítmica do lexema não significa necessariamente que as duas propostas sejam antagônicas, ao contrário, elas podem muito bem ser complementares. De acordo com Wijnen, ao menos em holandês uma sílaba “pesada”, ou seja, com rima ramificada (**cvc**), não pode ocupar uma posição fraca no que diz respeito aos pés métricos. Assim, uma sílaba (**w**) que preencha o arcabouço silábico (**cvc**) seria, ao menos, mais forte que outra sílaba (**w**) que não preencha este contorno, e tenderia a ser mantida no caso de existir a possibilidade de omissão entre ela e uma outra sílaba não ramificada. A união dessas duas propostas permite-nos compreender porque

²⁸ Wijnen et alli estão estudando o holandês, e parece que o que os autores chamam de “secondary stress” é um fenômeno de alongamento e tom diferente em sílabas pós-tônicas de um lexema que ocorre nas línguas escandinavas.

Tiago, ao enunciar *ônibus*” (vide Apêndice 1), ora omite a sílaba final (seguindo a proposta de Wijnen) e ora omite a primeira sílaba fraca pós-tônica (seguindo a proposta de Gerken). Podemos propor que, nesses casos em que temos duas sílabas fracas pós-tônicas com o arcabouço silábico da primeira com forma (**cv**) e da última com forma (**cvc**), a escolha dependerá de nosso sujeito estar trabalhando com a grade métrica ou com a constituição silábica:

ô ni bus
s w w
cv cvc (não importando a constituição silábica de **S**)

hipótese 1: considerar a estrutura rítmica e omitir a sílaba extramétrica, gerando

ô ni
s w
cv

hipótese 2: considerar a constituição silábica e omitir a sílaba fraca leve, gerando

ô bus
s w
cvc

Quanto ao enunciado (130) de Tiago, ao recortar o enunciado a ele dirigido, nosso sujeito omite uma sílaba que lexicalmente seria **S**:

w s s w

*MAE: É. Cê já mamou? Na mamadeira? Tomou tudo?

130)*TIA: to:’tudw

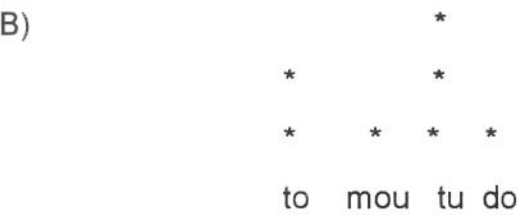
(2;00.26)

Wijnen et alli não dão conta desses casos por, apesar de estarem lidando com a grade métrica, só levarem em conta a constituição métrica das palavras, deixando de lado qualquer observação de ajuste métrico que poderia ser feito pós-lexicalmente tanto pelo interlocutor quanto pela própria criança.

Pela proposta de Galves & Abaurre (1995), analisando como o uso dos clíticos no português brasileiro podem ser definidos pela gramática (tornando-se ou não parte integrante de uma palavra) e provocar com isso consequências rítmicas, podemos propor que o PRA tenha sido aplicado no enunciado da mãe:



Através da aplicação da regra de movimento para o apagamento de colisão de acentos, o enunciado, a primeira sílaba (s) seria:



Desta forma, a criança acaba tendo como input uma sequência (s w s w), que metricamente pode ser dividida em dois troqueus (* .)(* .), o que faria com que, de acordo com Wijnen, nenhuma sílaba fosse omitida. No entanto, Tiago acaba por omitir uma sílaba (w), o que metricamente criaria um pé degenerado seguido de um troqueu (*)(* .). Como veremos mais adiante, isso se dá porque a criança ainda não está lidando com o nível do pé, mas com um nível hierarquicamente superior, a “phonological phrase”. É esta a razão pela qual este sujeito não elide a sílaba (w) inicial, contrariando tanto Gerken quanto Wijnen.

Ambos os autores estão tratando do arcabouço métrico das palavras das crianças, não observando que a concatenação entre as palavras em um enunciado pode exigir ajustes métricos e nem que podem existir domínios superiores na grade prosódica que estejam direcionando a construção do nível métrico, principalmente quando essas palavras correspondem ao enunciado total das crianças,

Voltando então à questão em aberto algumas páginas atrás, observamos que tanto (129) e (137) quanto (130) são enunciados trissílabos do tipo (**ws**w) e que o problema das sílabas está na pré-tônica. Quanto ao dado (129), como anteriormente mencionado, Tiago seleciona a sílaba pré-tônica que recebeu acento secundário no input. No caso de (130), a sílaba escolhida não recebia inicialmente acento secundário, mas a que recebia colidia com o acento frasal. Por outro lado, examinando o eixo segmental do enunciado da criança, observamos que a vogal da sílaba pré-tônica é [+ longa].

Como já mencionado anteriormente, nossos sujeitos muitas vezes elidem apenas a consoante de uma sílaba (vide Apêndices 1 e 2), de modo que, como ambas as vogais da primeira palavra eram iguais, Tiago uniu as duas, alongando-a, e permanecendo com o acento secundário:

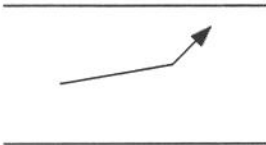
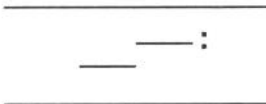
*		*		*		intonational phrase
*	*	*	*	*	*	foot
to mo tudo		too tudo		to:tudo		

A explicação para o fato de a criança estar omitindo sílabas que criariam pés é que nessa fase (2;0) nosso sujeito ainda parece não estar lidando com o nível rítmico ou a grade métrica, mas com um nível hierarquicamente superior. O que devemos ter em mente, agora, é que todo esse trabalho de omissão e inserção de sílabas se dá nessa fase para preencher o nível entonacional.

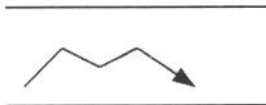
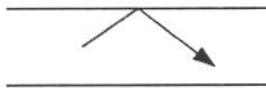
IV.1- O Sistema Entonacional de Raquel e Tiago

Scarpa (1988:69) delineou a ordem da aquisição do sistema entonacional de Raquel e Tiago. O sistema de Tiago está organizado da seguinte maneira:

a) aquisições iniciais (1;4 a 1;7)

1T		Descendente meio-baixo. Pouca intensidade.
2T		Ascendente-descendente de meio-baixo a médio; daí a baixo.
3T		Glide ascendente de baixo a alto. Vogal alongada.
4T		Tom nivelado em monossílabos. Em dissílabos e trissílabos, série ascendente, cada sílaba com uma altura nivelada. Ocasionalmente, tendência terminal descendente abrupta.

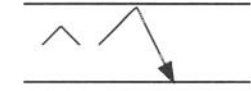
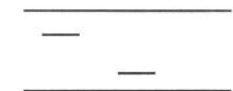
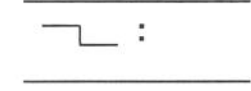
b) aquisições tardias (1;7 em diante)

5T		Dois movimentos ascendentes-descendentes. Glide terminal de alto a baixo.
6T		Ascendente médio a alto, com um movimento descendente opcional na última sílaba, acentuada ou não. Sílabas pré-nucleares baixas.

De acordo com Scarpa, os quatro primeiros tons marcam o sistema inicial de tons de Tiago. Os tons 1T e 2T determinam o contraste entre a fala social e a fala solitária; nomes de pessoa do círculo familiar, uso como vocativo é característico o tom 4T; o tom 3T marca dois vocábulos específicos da fala do garoto. Posteriormente Tiago inclui em seu sistema tonal 5T, um tom exclamativo, e depois 6T, para pedir a informação sobre a localização de algo, confirmação de nomes, emissão anterior à própria ação, formas infinitivas de verbos, repetição de tópicos do interlocutor. Mais tarde Tiago irá super-estender esse tom 6T de modo a recobrir os outros.

O sistema entonacional de Raquel é formado por mais contornos e sua organização é a que se segue:

a) período de 1;2 a 1;8:

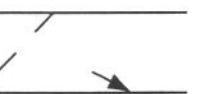
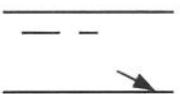
1R		descendente, meio-baixo a baixo
2R		descendente de tessitura ampla: alto a baixo, sílaba nuclear longa. Em enunciados longos, este tom se espalha pelo enunciado.
3R		dois movimentos ascendentes-descendentes. Glide terminal final de alto a baixo.
4R		duas alturas niveladas, de alto para baixo.
5R		duas alturas niveladas, alto para médio. Qualidade de voz "suplicante".

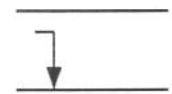
6R  duas alturas niveladas, ou a primeira mais baixa que a segunda, ou vice-versa. Se a última sílaba é mais alta, tendência para queda final abrupta.

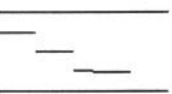
7R  ascendente alto, "onset" médio. Possibilidade de queda final abrupta.

8R  glide ascendente, baixo para médio.

b) aquisições posteriores (1;5 a 1;8) e modificações de tons do sistema inicial

1R  ou  núcleo descendente baixo, com possibilidade de sílabas pré-nucleares ascendentes ou altas

2R¹  descendente de alto a baixo, de ampla tessitura na sílaba nuclear. Pré-núcleo ascendente ou alto nivelado.

4R  quando se combina com enunciados de várias sílabas, toma a forma de um movimento descendente em degraus, de início alto a terminal baixo.

5R  descendente de alto para médio, com terminal nivelado. Sílabas pré-nucleares ascendentes ou altas.

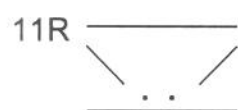
8R  ascendente-médio, possibilidade de queda final abrupta, quando o pico de proeminência é alto.



núcleo nivelado médio, com possibilidade de sílabas pré-nucleares altas ou ascendentes.



movimento descendente-ascendente em "glide" na sílaba nuclear.



movimento descendente - ascendente espalhado pelo enunciado, com dois pontos proeminentes.

Segundo Scarpa, os primeiros tons de Raquel são incorporações dos contornos dos adultos. 1R é usado em formas primitivas de asserção, falas introspectivas e respostas fáticas; o tom 2R é usado para localização de objetos, completude de ação lúdica (sua variante 2R¹ é usada para ordens e asserções firmes, apelo ao envolvimento do interlocutor); 3R é convite para atenção partilhada e surpresa agradável. O tom 4R é usado para dêixis e questões parciais. 5R é usado para pedidos, e 6R para vocativos. O tom 7R marca manutenção de tópico, permissão e questões polares. O tom 8R marca enumeração de objetos e coesão em enunciados sucessivos. 9R marca privação, asserções incompletas ou referência a informação dada; 10R marca advertência e concordância firme e definitiva. Por fim 11R, que marca expressões interrogativas locativas, fórmulas de convite e pedidos de permissão.

Conforme o que foi estudado por Scarpa, na faixa etária em discussão Tiago generaliza um de seus tons: 6T. O que parece ocorrer é que nosso sujeito vai recortar o fluxo de fala do adulto de forma a preencher esse grupo tonal e dentro dele é que serão construídas as grades métricas. Raquel não generaliza nenhum tom, no entanto, a quase totalidade de seus "filler-sounds" é encontrada no tom 2R. Wijnen et alli, citando Gerken (1990) também chamam a atenção para o fato de que:

“...the mapping of melodic informations onto syllabic templates, and the mapping of syllables onto prosodic templates are distinct...and... the order in which melodic information is mapped onto this template seems to be correlated with relative prominence.”

(1994:81)

De acordo com Selkirk a estrutura entonacional conjuntamente com a estrutura sintática é que vai determinar as relações rítmicas. Tiago e Raquel ainda não têm domínio total nem da estrutura sintática nem da estrutura entonacional, de forma que preenchem ritmicamente seu grupo tonal com algumas “liberdades” em relação ao seu enunciado. No que se refere à parte segmental, o que poderemos observar então é o que já foi mencionado acima: reduções ou reduplicações de sílabas, inserção de sons, etc. Para garantir seu grupo tonal, Tiago e Raquel também utilizarão de procedimentos “supra-segmentais”: aumento na duração de sons,

130)*TIA: to: ‘tudə

47)*TIA: a fe’so:

mudança no nível de acentuação de palavras

80)*TIA: xa’ada

149)*TIA: a ‘luzi

Esses dois tipos de procedimentos estão relacionados na aplicação das regras de GE de Selkirk²⁹, que irão acrescentar, movimentar ou diminuir pulsos rítmicos (conforme o trabalho de Massini-Cagliari (1992), que ao estudar o ritmo

²⁹ A aplicação das regras de GE está sendo feita de modo a garantir o grupo tonal e não o nível rítmico do enunciado. Novamente, não parece haver relação com o PRA.

de adultos falantes do português na região de Campinas, exemplificou o aumento ou diminuição da duração das sílabas conforme o tamanho dos enunciados). Em nossos sujeitos, é possível observar a inserção de glotais, a omissão de segmentos das sílabas (em geral da consoante) e a divisão de uma sílaba com o agregamento da consoante à sílaba anterior, formando uma sílaba ramificada (**cvc**) que foge ao “esqueleto” silábico (**cv**):

Dados de Tiago:

152) *TIA: a pa? 'kako

(1;8.17)

*MAE: bateu o carro.

153)*TIA: u'kau

(1;11.29)

154)*TIA: a la'ã₃a

(2;2.28)

79) *TIA: fis'?a

*MAE: feche!

(1;10.22)

155)*TIA: dī_s? 'a

*MAE: (vo)cê quer dansar?

(1;11.29)

Dados de Raquel:

156)*RAQ: a bua

157)*RAQ: a la 'bɔɔ:

*MAE: cadê a bola?

158)*RAQ: ?apə

(1;5.10)

*MAE: cadê o trem?

159)*RAQ: a tẽje

(1;5.27)

160)*RAQ: a 'ka:ɔ

*MAE: o carro?

(1;6.3)

161)*RAQ: a fes'o

*MAE: fechou, né?

162)*RAQ: a bas'u

*MAE: no espelho?

163)*RAQ: ə kas'ə

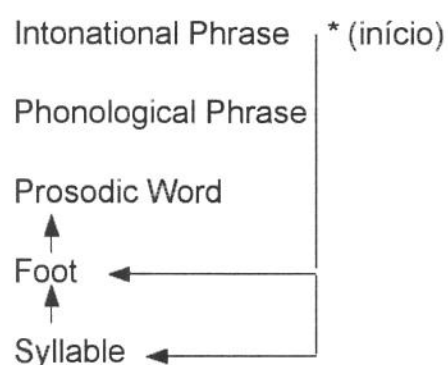
(1;6.22)

Os segmentos vocálicos utilizados para garantir, preencher o contorno entonacional são chamados por Scarpa (1993) "*earlier filler*" ("*tone-group*" ou "*intonation fillers*") e podem ser de três tipos:

- a) A parte segmental da sentença é totalmente formada por segmentos vocálicos, com o contorno entonacional se expandindo por toda a cadeia de sílabas, o que dá a impressão de sentenças prosodicamente desenvolvidas

- b) Segmentos vocálicos que ocupam parte do grupo tonal, estando em posições pré-nucleares, fracas e não proeminentes. Estes segmentos estão combinados com fragmentos da fala do adulto.
- c) inserção de uma glotal no onset ou posição pré-nuclear do tom ascendente.

Além dos segmentos vocálicos usados para garantir o contorno entonacional, Scarpa também propõe a existência de “filler-sounds” mais tardios (“*Later fillers*”, “*metric or rhythmic fillers*”) que estariam dando suporte ao ritmo. Analisando os dados de Tiago, que mostram sentenças que formam pés métricos como o iâmbico (**ws**) e o anapesto (**wws**), Scarpa chega à conclusão de que as crianças observadas projetam a estrutura métrica de domínios prosódicos superiores (que têm sua proeminência de duração, intensidade e frequência, em português, à esquerda) sobre a regra de acento de palavra do sistema lingüístico do adulto (que tem esta proeminência à direita). Corroborando o que foi asseverado por Selkirk, Tiago e Raquel trabalham com as unidades lingüísticas partindo dos níveis prosódicos mais altos (mais amplos, abrangendo toda a sentença) para os níveis mais baixos (que chegariam até a força acentual das sílabas dentro das palavras) dentro do sistema lingüístico. Confirmando a hipótese de construção métrica “top-down”, eles lidam inicialmente com os grupos entonacionais, a partir dos quais extrairão os dados do input dos interlocutores, depois descem para trabalhar com os grupos rítmicos, como se estes correspondessem às regras de acento do sistema lingüístico do adulto, que estão num nível mais alto da grade métrica. Uma vez que ora nosso sujeito trabalha com a grade métrica, ora com a constituição silábica, há uma flutuação na escolha do nível a que se descerá:



Os segmentos vocálicos mais tardios são de dois tipos:

- a) vogais centrais, posteriores ou anteriores combinadas com formas verbais preenchendo em enunciados pequenos as posições prosódicas fracas

*MAE: E o outro bonequinho?

164)*TIA: a ta'ki

(2;05.09)

- b) segmentos vocálicos que aparecem junto com vários outros ajustes prosódicos (conforme já mencionamos: falsos começos, inserção, repetição de sílabas, aumento na duração de vogais) em sentenças mais longas.

*MAE: cadê a Lela?

165)*RAQ: adi i li 'lɛla:

(1;5.18)

166)*RAQ: a ka 'ka:

*MAE: passou o carro na rua.

(1;5.27)

*MAE: quem (es)tá lá fora?

167)*RAQ: f ɔ'fɔ la

(1;6.6)

O surgimento de sílabas (w) no início dos enunciados de nosso sujeito se dá então não para garantir a perfeição da grade métrica (conforme quer Peters 1992), uma vez que estaria violando o ritmo predominantemente trocaico do português, mas sim garantindo o contorno entonacional utilizado por Tiago e Raquel. Esta seria a função dos “filler-sounds” iniciais. Quando nossos sujeitos começam a trabalhar com a grade métrica, muitos desses sons desaparecerão:

	*	- acento frasal
(* .) (* .) (* . .) (* .) *		- pés
* * * * *		- sílaba

168)*TIA: deresãw dw onibus ε a'ki

*PAI: é. Deve ser aí.

	*	- acento frasal
(* .) (* .) (* .) (* .) *		- pés
* * * * *		- sílaba

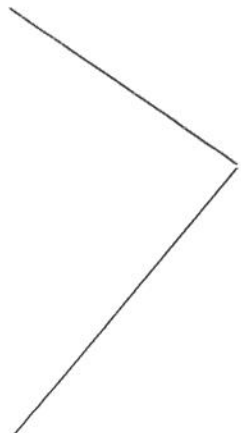
169)*TIA: i a dere'sã w desi bi'bi pay

(3;00.08)

Aos 3 anos, a precisão dos enunciados de Tiago já é bem maior, não só devido ao melhor domínio segmental como também por ele já estar trabalhando com níveis mais baixos da grade métrica (seu trabalho com a “phonological phrase” já está também mais adiantado). O uso que ele faz em (169) da vogal menos arredondada não tem mais a função de preencher um determinado contorno entonacional, mas já delineia um certo uso do que chamamos de conectivos³⁰.

³⁰ O que foge do escopo desse trabalho, que lida com determinantes. No entanto, parece-nos que analisar os conectivos da mesma forma que analisamos os determinantes é um bom caminho a ser seguido.

É possível observar como isso se dá em Raquel. Fazendo um levantamento dos contornos entonacionais em que aparecem segmentos vocálicos, encontramos:

1;5.10	1;7		somente 2R
1;5.18	1;7.8		
1;5.27	1;7.13		
1;6.3	1;7.21		
1;6.6	1;8.0		
1;6.22	1;8		
1;6.29	1;8.25		
1;9.8 = dez ocorrências de 10R, duas de 7R, três de 9R e uma de 11R			
1;9.9 e 1;9.20 = somente 2R			
1;10.0 = uma ocorrência de 9R			
1;10.20 = somente 2R			
1;11.3 = sete ocorrências de 11R, duas de 7R, duas de 10R, uma de 4R e uma de 9R			
1;11.12 = seis ocorrências de 9R, seis de 7R, duas de 4R, oito de 11R, sete de 5R, cinco de 10R, uma de 8R e uma de 2R			
1;11.25 = somente 2R			

A ocorrência desses segmentos vocálicos em outros contornos que não 2R cada vez mais produtivamente parece-nos ser claro sinal de que Raquel já não está usando esses segmentos como preenchedores rítmicos.

O fato de os “filler-sounds” não mais serem necessários para preencher o contorno entonacional não significa que eles não mais aparecerão; pois poderão surgir não mais como suporte para o arcabouço entonacional, mas para a grade métrica.

CAPÍTULO V

CONCLUSÃO

Conforme foi-nos permitido observar, os “sons preenchedores” têm uma importância fundamental tanto no que se refere à construção da grade métrica (especialmente nos níveis do contorno entonacional e do ritmo) quanto aquisição dos determinantes (e possivelmente de outros morfemas livres) de uma língua.

Esses “sons” têm papel ativo na aquisição dos contornos entonacionais e do ritmo do português. Nossos dados confirmaram a hipótese proposta por Gerken (1994) e por Wijnen, Krikhaar & Den Os (1994) de que as crianças percebem as sílabas fracas do enunciado do interlocutor, e que a explicação para a omissão das mesmas no enunciado da criança estaria na produção, mais especificamente na organização prosódica do enunciado da criança. Discordamos, porém, dos autores quando estes chegam à conclusão de que, na produção, uma sílaba fraca inicial deveria ser elidida. Nossos dados indicaram que a que estas sílabas iniciais não só são percebidas pelas crianças como são necessárias no modelo, no arcabouço, tanto do contorno entonacional quanto do rítmico, com que elas trabalham. A criança fixa um contorno entonacional e precisa, quando seu enunciado não é capaz de preenchê-lo, completar o contorno com outros segmentos.

Nossa análise também confirma existir um processo de ancoragem na aquisição da linguagem, como defendem Gerken (1994) e Peters & Menn (1993), até mesmo por causa da pressão exercida pelos níveis mais altos da grade métrica sobre os níveis mais baixos; Raquel e Tiago ancoram sua produção sonora para seu trabalho métrico e sintático num determinado modelo prosódico e quando essa ancoragem não mais é necessária eles a abandonam (como é possível observar no posterior uso que Raquel faz dos diferentes contornos entonacionais com os determinantes). Comprovou-se também que o processo de ancoragem se dá entre os níveis hierárquicos prosódicos; o trabalho com o nível rítmico só se dá quando as crianças cuja fala foi observada já dominam o nível

hierarquicamente superior. Durante o início do processo, enquanto Tiago e Raquel estão trabalhando em um determinado nível, eles não lidam com o nível inferior, “transgredindo” inclusive princípios que regem esse nível inferior (PRA). Na realidade, essa “transgressão”, se vista sob a óptica maturacional, não existe, pois não se transgride uma lei, um princípio que não se adquiriu. No entanto, existe um momento de sobreposição do trabalho, um período em que nossos sujeitos trabalham com os dois níveis e ficam flutuando entre eles. É assim que ora nossos sujeitos estão trabalhando com o nível entonacional, ora com o nível rítmico, e mesmo quando iniciam o trabalho de “descida” na grade, às vezes eles vão para um determinado nível (pé), às vezes para outro (sílabas), como foi possível observar com nossos dados. Conforme foi possível observar, Tiago insere sons que inicialmente preenchem o contorno entonacional; posteriormente, esta inserção será associada à mudança do padrão silábico e rítmico de nosso sujeito: a partir de 2;3 ele começa a inserir sons que preenchem o esquema silábico (**cv**) de sílabas formadas por somente (**v**) ou mesmo sílabas ramificadas (**cvc**) (colelo, luzi). No que diz respeito à mudança do padrão rítmico, se antes ele produzia, conforme Scarpa (1995a), um padrão do tipo (**L**) **L** * **H** (**L**), em que **L** são as sílabas leves e **H** a sílaba pesada, estando entre parênteses aquelas que são opcionais, a partir de 3;0 nosso sujeito tenderá a sempre preencher o **L** final; ao transformar a última sílaba opcional em categórica, nosso sujeito indica estar mudando seu padrão rítmico, de forma a preencher o arcabouço rítmico do troqueu (**sw**). Isto não significa que Tiago, aos 3;0 não use mais os sons preenchedores para o arcabouço silábico, ao contrário, há uma sobreposição dessas estratégias.

O que se observa é que essas mudanças e sobreposições ocorrem porque a criança está construindo - no sentido literal da palavra - a grade métrica, não preenchendo-a; entenda-se bem que não se trata de um trabalho de aprendizagem mas de maturação: à medida que a criança adquire um nível, ela vai acrescentando-o, construindo sua grade métrica. Não foi nossa pretensão identificar como se dá esse trabalho de construção da grade, mas foi possível

observar que nessa construção o primeiro nível a ser adquirido é o do contorno entonacional, seguido do nível silábico e talvez concomitantemente com o nível rítmico. Outro fator importante observado foi que essa hipótese “top-down” de construção da grade métrica mostra que os níveis superiores exercem pressão e direcionam a construção dos níveis inferiores. Este trabalho com os diferentes níveis hierárquicos da grade métrica corrobora a visão de Scarpa (1993, 1995a, b) de que a construção da grade métrica é “top-down” e de que não podemos acreditar numa visão primitiva da prosódia, mas que há um trabalho concomitante entre prosódia e sintaxe.

No que diz respeito ao fato de os sons preenchedores serem considerados como desencadeadores de categorias gramaticais, nossos dados não parecem indicar ou corroborar teorias que afirmem serem os segmentos preenchedores esses desencadeadores. Se assim fosse, uma vez que encontramos “filler-sounds” em períodos bem iniciais, dando suporte ao contorno entonacional, por que já não desencadeariam as categorias funcionais a que estão relacionados? A resposta por nós encontrada ancora-se na hipótese maturacional de aquisição da linguagem, segundo a qual essas categorias ainda não estavam “maduras” para aparecerem, e só mais tarde, e no lugar dos “filler-sounds” mais tardios, é que elas surgiriam.

Através do argumento da subespecificação, pretendemos ter mostrado que a consciência gramatical vai sendo adquirida aos poucos, não como um todo. A categoria funcional dos determinantes não é constituída somente de “nomes”/ rótulos, mas é todo um sistema semântico, pragmático, fonológico e estrutural (gramatical) que não emerge concomitantemente, mas aos poucos. Essa nossa conclusão corrobora, em parte, Kato (1995), de que a criança já tem a estrutura, mas falta-lhe o rótulo; no entanto, Kato sugere que a criança também já tem as propriedades semânticas, com o que não podemos concordar totalmente. Se assim fosse, logo que adquirisse o rótulo a ser usado, a criança já poderia fazer todos os usos que o determinante tem no sistema linguístico do adulto, o que não foi o caso verificado nos dados. O uso inicial que nossos sujeitos fazem do artigo

é como especificador, instanciador de uma categoria. Uma solução para esse impasse é mais simples do que pode parecer. Se levarmos em conta que o que pertence à gramática nuclear é essa função do determinante, e que as outras pertencem à gramática periférica, podemos dizer que a criança já tem, na UG, as propriedades estruturais e semânticas pertencentes à gramática nuclear, e para elas falta o rótulo.

O uso que os sujeitos fazem dos determinantes nos indica que, enquanto não emergem, algumas propriedades são ancoradas pragmaticamente - de tal forma que os determinantes são subespecificados -, e são entendidas no sistema lingüístico da criança como "o já conhecido ou familiar". Esse mesmo caráter de subespecificação foi encontrado em dados do inglês, francês e italiano, por Hyams, tanto no que se refere aos determinantes quanto a INFL.

Essa ancoragem também pode ser percebida nos momentos de recorte e repetição do enunciado do interlocutor. Na mesma época em que os determinantes eram caracterizados como subespecificados e ancorados pragmaticamente, a repetição de NPs antecidos por segmentos vocálicos era sempre retirada do foco do enunciado do interlocutor, o que indica que havia um trabalho de recorte direcionado pelo nível entonacional da grade métrica. Posteriormente, ao mesmo tempo em que Tiago passa a usar mais frequentemente os NPs antecidos por segmentos vocálicos, o recorte do enunciado do interlocutor não é mais do foco, mas também da não-foco, o que indica que o domínio prosódico já não influencia esse recorte, que torna-se sintático. É possível concluir que há, a partir de 2;9, uma mudança qualitativa no uso dos determinantes.

Assumindo a proposta de TSimpli (1992), segundo a qual a maturação paramétrica está associada às categorias funcionais, o fato de a categoria funcional dos determinantes ser precedida por proto-morfemas e ser adquirida em um período inicial do processo de aquisição pelas crianças revela a importância do parâmetro responsável por essa categoria funcional na gramática do português. Lembremos novamente que o que chamamos de determinantes são os

conhecidos pela gramática normativa como artigos definidos. Alguns gerativistas abarcam como determinantes os artigos, pronomes, genitivo. Assim, quando falamos da importância do parâmetro dessa categoria funcional, estamos nos referindo tão somente aos artigos; se os pronomes, genitivo ou alguma outra coisa mais desenvolvem-se dentro desse mesmo parâmetro ou de outro é um assunto que foge do escopo de nosso trabalho.

O levantamento dos contextos de enunciado em que nossos sujeitos inserem “filler-sounds”/“place-holders” nos mostrou também que, como afirmam Bottari, Cipriani & Chilosì, os proto-morfemas surgem e desaparecem em diferentes momentos, conforme já haja maturação para o surgimento dos morfemas que deverão ser adquiridos. A grande concentração de segmentos vocálicos a partir de uma determinada fase na vida dos sujeitos e o uso desses segmentos como especificação de N nos faz crer que há uma mudança qualitativa desses segmentos no sistema lingüístico da criança, de modo que esses segmentos passam a ter um estatuto sintático/morfológico, e não mais somente prosódico.

Por fim, o que parece termos confirmado é que, como já afirmava Crystal (1969), a segmentação prosódica pode ser gramaticalizável; e isto não só no que diz respeito a uma gramática prosódica, mas parece que deixamos bem claro que procedimentos prosódicos também podem vir a fazer parte da sintaxe de uma língua; ou seja, que nossos “filler-sounds” também podem ser “place-holders”.

APÊNDICE 1

Encontra-se aqui a lista de palavras de Tiago que tiveram sílabas omitidas por nosso sujeito. Estas palavras constituíam-se a totalidade dos enunciados, com exceção dos dados 8,10,25 e 26, em que colocamos todo o enunciado como uma entrada. O arcabouço silábico em **negrito** é a sílaba acentuada, e o arcabouço (ou parte dele) **grifado** é o que foi omitido. As palavras foram organizadas de forma a agruparmos aquelas que tivessem a mesma quantia silábica e a mesma estrutura acentual. Dessa forma, (1) a (12) são palavras do tipo (**wws**), (13) a (27) são (**wwsw**), e assim por diante :

1.acendeu (1;5.3)	<u>vcv</u> cv ^Y	WWS
	<u>vcv</u> cv ^Y	
	<u>vcv</u> cv ^Y	
2.conseguiu (1;7.29)	<u>cv</u> cv ^Y	
3.acabou (1;9.11)	<u>vcv</u> cv ^Y	
4.capitão (1;11.2)	<u>cv</u> cv ^Y	
5.escapou (1;11.14)	<u>vcc</u> cv ^Y	
6.caminhão (2;0.11)	<u>cv</u> cv ^Y	
7. machucou (2;0.28)	cv <u>cv</u> cv ^Y	
8. já mamou (2;0.28)	cv <u>cv</u> cv ^Y	
9. arruma(r) (2;2.3)	<u>vcv</u> cv	
10. onde (es)tá (2;2.3)	<u>vcv</u> cv	
11. cobertor (2;2.28)	<u>cv</u> cv <u>ccvc</u>	
12.gravador (2.4.18)	<u>ccv</u> cv <u>cv</u>	

13.berenice (1.5.18)	<u>CVCVCVCV</u>	WWSW
(1;6.10)	<u>CVCVCVCV</u>	
(1;6.10)	<u>CVCVCVCV</u>	
14.amarelo (1;7.23)	<u>VVCVCVCV</u>	
(2;3.18)	<u>VVCVCVCV</u>	
15.chocolate (1;7.29)	<u>CVCVCVCV</u>	
16.diferente (1;9.24)	<u>CVCVCVCV</u>	
17. passarinho (1;10.22)	<u>CVCVCVCV</u>	
(2;1.10)	<u>CVCVCVCV</u>	
	<u>CVCVCVCV</u>	
(2;3.4)	<u>CVCVCVCV</u>	
18. almofada (1;11.29)	<u>V^YCVCVCV</u>	
19. redondinho (2;1.10)	<u>CVCVCVCV</u>	
	<u>CVCVCVCV</u>	
20.cachorrinho (2;1.18)	<u>CVCVCVCV</u>	
21.bonequinho (2;2.26)	<u>CVCVCVCV</u>	
(2;3.18)	<u>CVCVCVCV</u>	
22. gasolina (2;4.18)	<u>CVCVCVCV</u>	
23.ambulância (2;4.18)	<u>VVCVCV^Y</u>	
24. acelera (3;0.8)	<u>VVCVCVCV</u>	
25. jogou dentro (2;3.18)	<u>CVCVCVCV</u>	
26. tomou tudo (2;0.26)	<u>CVCVCVCV</u>	
27. anamaria (2;0.26)	<u>VVCVCV^Y</u>	
28. fechou (1;5.10)	<u>CVCV^Y</u>	WS
	<u>CVCV^Y</u>	
29. quebrou (1;9.11)	<u>CVCV^Y</u>	
30. che(i)roso (1;7.19)	<u>CVCVCV</u>	WSW
31. Tiago (1;11.19)	<u>CVCV</u>	

32. palhaço (2;0.11)	<u>cvcvcv</u>	
33. aberta (2;1.18)	<u>vcvc</u> <u>cv</u>	
34. relógio (2;2.3)	<u>cvcvcv</u> ^v	
35. cachorro (2;2.28)	<u>cvcvcv</u>	
36. pijama (2;2.28)	<u>cvcvcv</u>	
37. açúcar (2;2.28)	<u>vcvcvc</u>	
38. argola (2;3.4)	<u>vcvcvcv</u>	
39. gato (1;6.4)	<u>cvcv</u>	SW
40. música (1;6.4)	<u>cvcvcv</u>	SWW
(1;7.8)	<u>cvcv</u> <u>cv</u>	
41. xícara (1;7.29)	<u>cvcvcv</u>	
42. ônibus (2;2.28)	<u>vcvcvc</u>	
	<u>vcv</u> <u>cvc</u>	
43. amarelinho (2;0.11)	<u>vcvcvcvcv</u>	WWW ^v SW
44. interessante (2;4.18)	<u>vcvcvcvcv</u>	

APÊNDICE 2

Neste, listamos todas as palavras de Raquel que tiveram sílabas ou segmentos omitidos. A marcação das sílabas ocorre da mesma forma que no Apêndice 1:

1. bola	(1;5.10)	<u>cv</u> <u>cv</u>	SW
		<u>cv</u> <u>cv</u>	
2. carro	(1;5.10)	<u>cv</u> <u>cv</u>	
3. colo	(1;5.27)	<u>cv</u> <u>cv</u>	
4. chave	(1;7.13)	<u>cv</u> <u>cv</u>	
5. lua	(1;7.21)	<u>cv</u> <u>v</u>	
6. calça	(1;7.21)	<u>cv</u> ^y <u>cv</u>	
		<u>cv</u> ^y <u>cv</u>	
7. grande	(1;8)	<u>cc</u> <u>v</u> <u>cv</u>	
8. gosto	(1;9.28)	<u>cv</u> <u>cv</u>	
9. berço	(1;9.28)	<u>cv</u> <u>cv</u>	
10. bolsa	(1;9.28)	<u>cv</u> ^y <u>cv</u>	
11. entra	(1;9.20)	<u>v</u> <u>cc</u> <u>v</u>	
12. burro	(1;10.20)	<u>cv</u> <u>cv</u>	
13. óculos	(1;9.8)	<u>vc</u> <u>y</u> <u>cv</u> <u>cc</u>	SWW
14. (a)cabo(u)	(1;5.18)	<u>cv</u> <u>cv</u>	WS
	(1;6.6)	<u>vc</u> <u>cv</u>	
15. pega(r)	(1;6.3)	<u>cv</u> <u>cv</u>	
16. cadê	(1;6.29)	<u>cv</u> <u>cv</u>	
17. chapéu	(1;7.13)	<u>cv</u> <u>cv</u> ^y	
18. guarda(r)	(1;9.8)	<u>c</u> ^y <u>v</u> <u>cc</u> <u>v</u>	
19. limpa(r)	(1;11.3)	<u>cv</u> <u>cv</u>	

20. emba(i)xo (1;6.22)	<u>v</u> cvcv	WSW
21. sacola (1;6.19)	<u>c</u> v v cvcv	
22. escola (1;6.29)	<u>v</u> ccvcv	
23. licença (1;7.13)	<u>c</u> v v cvcv	
24. pipoca (1;7.21)	<u>c</u> v v cvcv	
25. brinquedo (1;7.21)	cc <u>v</u> cvcv	
	<u>cc</u> v v cvcv	
	<u>cc</u> v v cvcv	
26. orelha (1;8)	<u>v</u> cvcv	
27. ajuda (1;9.8)	<u>v</u> cvcv	
28. cigarro (1;9.8)	cvcv <u>c</u> v	
29. bolacha (1;9.9)	<u>c</u> v v cvcv	
30. Natália (1;9.9)	cvcv <u>c</u> v ^y	
31. dinheiro (1;11.12)	cvcv ^y <u>c</u> v	
	cvcv ^y <u>c</u> v	
32. assopra (1;11.25)	<u>v</u> cvccv	
33. precisa(r) (1;9.9)	ccvcvcv	WWS
34. gravador (1;9.9)	<u>cc</u> v v cvcv	
35. cade(i)rinha (1;6.6)	cvc <u>v</u> cvcv	WWSW
36. microfone (1;7.13)	<u>c</u> vccv v cvcv	
	<u>c</u> vccv v cvcv	
(1;11.3)	<u>c</u> vccv v cvcv	
37. coelhinho (1;7.3)	cv <u>v</u> cvcv	
(1;8.25)	cv <u>v</u> cvcv	
38. plaquetinha (1;8.0)	<u>cc</u> v v cvcv	
39. palhacinho (1;8.0)	cvc <u>v</u> cvcv	
40. menininho (1;9.8)	cvcvcv <u>c</u> v	
41. carneirinho (1;9.8)	cvccv ^y <u>c</u> v	

42. vestidinho (1;9.9)	cvc <u>c</u> vcvcv	
43. cachorrinho (1;9.9)	cvcv <u>c</u> vcv	
44. telefona(r) (1;7.21)	<u>cvcv</u> cvcv	WWWWS
45. papai noel (1;6.29)	cvc <u>v</u> ^Y cvv ^Y	WWWWS
	cvcv ^Y c <u>v</u> ^Y	
	cvcv ^Y c <u>v</u> ^Y	

APÊNDICE 3A: SEGMENTOS VOCÁLICOS NA FALA DE TIAGO: 1;5.3 A 2;0.26

[illegible]

APÊNDICE 3B: SEGMENTOS VOCÁLICOS NA FALA DE TIAGO: 2:1.10 A 3:0.15

[illegible]

APÊNDICE 4: SEGMENTOS VOCÁLICOS NA FALA DE RAQUEL: 1;5.10 A 1;11.25

	1;5.10	1;5.18	1;5.27	1;6.3	1;6.6	1;6.22	1;6.29	1;7	1;7.8	1;7.13	1;7.21	1;8.0	1;8	1;8.25	1;9.8	1;9.9	1;9.20	1;10.0	1;10.2	1;11.3	1;11.1	1;11.2
NP	31	11	12	16	17	19	6	34	10	6	17	21	23	21	71	29	23	40	46	15	8	23
a/o NP	22	14	13	1	18	13	19	13	2	22	33	14	20	22	33	30	4	11	14	27	58	10
a/o DP	-	-	-	-	-	-	3	-	-	2	5	1	-	5	1	4	-	11	1	2	2	-
a/o VP	12	17	1	-	9	1	25	2	-	13	5	5	5	2	26	10	2	9	2	19	26	-
i	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
?	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2	1	-
e	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
i	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Abaurre, M. B. & W.L. Wetzels (1994) - " Sobre a Estrutura da Gramática Fonológica" in **Cadernos de Estudos Lingüísticos** n.23 Unicamp
2. Borer, H. (1984) - **Parametric Syntax: case studies in Semitic and Romance Languages** Dordrecht: Foris
3. Bottari, P.; P. Cipriani & A. Chilosi (1992) - "Proto-syntactic Devices" in **Gen Gen P** vol.0 Université de Genève
4. Castilho, A.T. (1989) - "O artigo no português culto falado em São Paulo" in Castilho, A.T.(org) **Português Culto Falado no Brasil** ed. UNICAMP
5. Chomsky, N. & M. Halle (1968) - **The sound Pattern of English** Harper and Row
6. Chomsky, N. (1987) - "On the nature, use and acquisition of language: Kyoto1" (paper)
7. Chomsky, N. & H. Lasnik (1991) - "Principles and parameters theory" (manuscrito)
8. Cinque, G. (1993) - "A null theory of Phrase and compound stress" in **Linguistic Inquiry** vol.24 n.2
9. Couper-Kuhlen, E. (1986) - **An Introduction to English Prosody** Edward Arnold
10. Cruttenden, A. (1986) - **Intonation** Cambridge University Press
11. Crystal, D. (1969) - **Prosodic Systems and Intonation in English** Cambridge University Press
12. Galves, C. & M. B. M. Abaurre (1995) - "Os clíticos no Português Brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica" in **Gramática do Português Falado** vol. IV (no prelo) Unicamp
13. Gerken, L. (1994) - "A metrical template account of children's weak syllable omissions from multisyllabic words" in **Journal of Child Language** vol.21 Cambridge University Press

- 14.Giorgi, A. & G. Longobardi (1991) - **The Syntax of Noun Phrases - configuration, parameters and empty categories** Cambridge University Press
- 15.Haegeman,L (1991) - **Introduction to Government and Binding Theory** Basil Blackwell Cambridge
- 16.Halle,M. & J.R. Vergnaud (1987) - **An essay on stress** Cambridge MIT Press
- 17.Hayes, B. (1991) - **Metrical Stress Theory - Principles and Case Studies** UCLA (draft)
- 18.Hyams, N. (1986) - **Language Acquisition and the theory of parameters** Reidel Publishing Company
- 19.Hyams,N. (1992) - "Morphosyntactic development in italian and its relevance to parameter-setting models: comments on the paper by Pizzuto & Caselli" in **Journal of Child Language** vol. 19 n. 3
- 20,Hyams,N. (1994) - "The underspecification of functional categories in early grammar " talk presented at the Great Britain Child Language Seminar - Wales
- 21.Karmiloff-Smith, A. (1979) - **A Functional Approach to Child Language - a study of determiners and reference** Cambridge University Press
- 22.Kato, M.A. (1974) - **A Semântica Gerativa e o Artigo Definido** Ensaios 6. ed. Ática
- 23.Kato,M.A. (1995) - "Functional categories and the full competence hypothesis" comunicação apresentada no II Statistical Physics, Pattern Recognition and Grammar Selection - São Sebastião
- 24.Lee,S-H. (1995) - **Morfologia e Fonologia Lexical no Português Brasileiro** (tese de doutorado) UNICAMP
- 25.Lightfoot ,D.(1982) - **The Language Lottery: toward a biology of grammars** MIT Press
- 26.Lightfoot ,D.(1989) - "The child's trigger experience: degree-0 learnability" in **Behavioral and Brain Sciences**

27. Massini-Cagliari, G. (1992) - **Acento e Ritmo** Contexto
28. Massini-Cagliari, G. (1995) - **Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico** (tese de doutorado) UNICAMP
29. Negri, L. (1986) - **A Natureza Dêitica do Artigo Definido** (tese de mestrado) UNICAMP
30. Nespor, M. & I. Vogel (1986) - **Prosodic Phonology** Dordrecht Foris Publications
31. Ouhalla, J. (1993) - "Functional categories, agrammatism and language acquisition" in **Linguistische Berichte** 143 Westdeutscher Verlag
32. Palácio, A. A. & E. M. de Oliveira & G. M. L. de Araújo & I. M. W. da Silva (1989) - "O artigo: normas e usos" in Castilho, A. T. (org.) **Português Culto Falado no Brasil** ed. UNICAMP
33. Peters, A. (1977) - "Language learning strategies: does the whole equal the sum of the parts?" in **Language** n.3 vol 53
34. Peters, A. (1983) - **The Units of Language Acquisition** Cambridge University Press
35. Peters, A. (1992) - "Language typology, individual differences and the acquisition of grammatical morphemes" in Slobin, D. (org.) **The Crosslinguistic Study of Language Acquisition** vol.3 Hillsdale, NJ: Erlbaum
36. Peters, A. & L. Menn (1994) - "False starts and filler syllables: ways to learn grammatical morphemes" in **Language** n.4 vol. 69
37. Pizzuto, E. & M. C. Caselli (1992) - "The acquisition of Italian morphology: implications for models of language development" in **Journal of Child Language** vol.19 n.3
38. Plunkett, K. (1993) - "Lexical segmentation and vocabulary growth in early language acquisition" in **Journal of Child Language** vol. 20 Cambridge University Press

39.Prince,A. (1981) - "Toward a taxonomy of given-new information" in Cole (ed.)

Radical Pragmatics

40.Radford, A. (1990) - **Syntactic Theory and the Acquisition of English**

Syntax Basil Blackwell

41.Raposo,E. (1993) - "Categorias funcionais na gramática gerativa" in
D.E.L.T.A. n.2 vol 9 Unicamp

42.Scarpa, E. (1988) - "Desenvolvimento da Intonação e organização da fala
inicial" in **Cadernos de Estudos Lingüísticos** n. 14 Unicamp

43.Scarpa,E. (1993) - "Filler-sounds and the acquisition of prosody: sound and
syntax" comunicação apresentada no VI International Congress for
the Study of Child's Language - Trieste

44.Scarpa,E. (1995a) - "Organizações rítmicas da fala inicial" in **Anais do IX
Encontro Nacional da ANPOLL** Caxambu, MG (no prelo)

45.Scarpa,E. (1995b) - "Sobre o sujeito fluente" in **Cadernos de Estudos
Lingüísticos 28 UNICAMP**

46.Selkirk, E. (1984) - **The Relation between sound and Structure** MIT Press

47.Tsimpli,I. (1992) - "On the maturation of functional categories: early child
speech" in **UCL Working Papers in Linguistics 3**

48.Valois, D. (1991) - **The Internal Syntax of DP** (tese de PhD) University of
California

49.Wijnen,F.; E. Krikhaar & E. Den Os (1994) - "The (non)realization of
unstressed elements in children's utterances: evidence for a
rhythmic constraint" in **Journal of Child Language** vol. 21 n.1
Cambridge University Press